

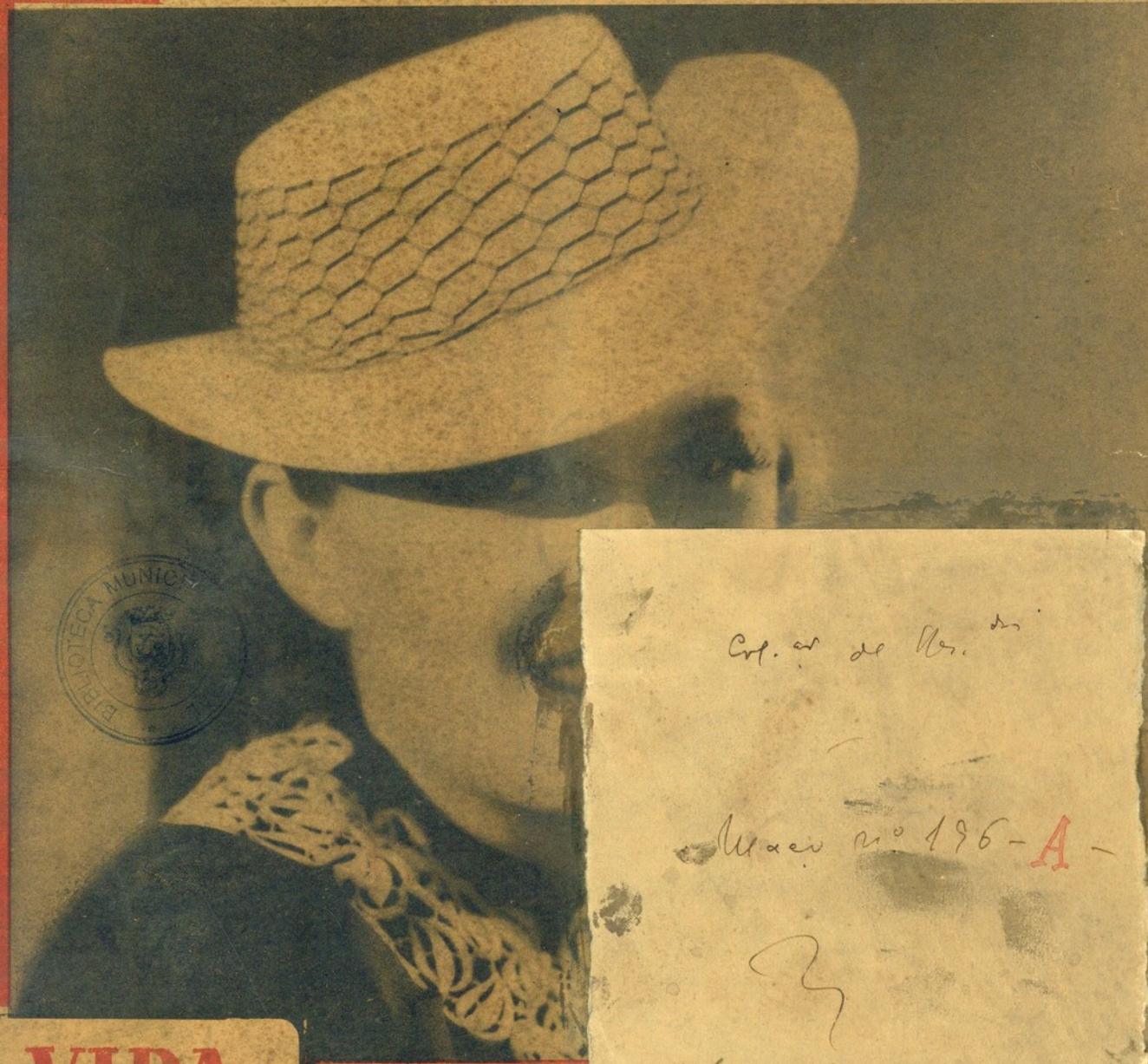
Oferta
10 NOV 1997

ANO III N. 142
3
DE FEVEREIRO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

OS MISTÉRIOS DO CINEMA PORTUGUÊS...

AIDA ULTZ DESTRONOU MARIA DA GRAÇA!

(LER ESTA REPORTAGEM NA PÁGINA 10 DÊSTE NÚMERO)



Crt. de Mr. ...
Museu n.º 196 - A -
3

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

As Crianças das Creches

QUEM não assistiu, em manhã brumosa e fria ou soalheira e quente, quando a cidade se enche de arruado e animação, no portal de uma creche, à chegada das mães que ali vão deixar os filhos pequeninos, tem perdido um espectáculo de grande ternura e de emoção. As crianças vêm ainda mal despertas, ensonadas, envoltas num velho challe, se é de inverno, ou livres de roupas, nos braços maternos, se é estival o tempo. Nem dão conta dos braços que as deixam e dos braços que as tocam. São mulheres, afinal, que transmitem a outras mulheres, esses pequeninos e queridos seres, e na verdade, os braços femininos são iguais, quando recebem ou dão uma criança. São mães as que entregam; foram ou não de ser mães também as que recebem os preciosos fardos.

É neste momento que o espectáculo atinge a sua mais bela e emocionante expressão. As mães olham pela última vez, até ao fim do dia, os filhos queridos; e com tanta ternura e enlévo que até parece menos brumosa ou mais brilhante a manhã. É um clarão de luz suave e doce que envolve a cena. Depois, as pobres mães abalam, para o trabalho, para o sacrifício, para a vida...

Logo dentro da creche começa a faina. Por mais limpas que se apresentem, todas as crianças são lavadas, cuidadas como jóias, alimentadas e recreadas com toda a espécie de momices que só almas de mulher sabem descobrir para alegrar os pequeninos. Um dia inteiro corre depressa, nestes cuidados e vigílias cautelosas. De vez em quando um choro. Quasi sempre uma chilreada, como a de pardalitos evolucionando sobre as árvores frondosas e acolhedoras.

Já quando a noite surge, voltam as mães, cansadas, ansiosas, pelo caminho antegozando a posse dos filhos. E novamente o clarão de luz, de ternura e de beleza enche de graça e de bênçãos o portal da creche. Se foi rápido o abandono, de manhã, mais rápida é ainda a reconquista. De uns braços a outros passam mais uma vez as crianças. Vão talvez para o desconforto de um lar, mas vão felizes, ao colo das mães, que é sempre o mais quente e acolhedor, sob o olhar terríssimo, inegalável de quem lhes deu a vida.

Quando — tantas vezes o tenho feito! — observo a entrada e saída das criancinhas de uma creche, lembro-me sempre que seria fácil prescindir desses refúgios de assistência e guarda, se as mulheres do povo pudessem dispensar o trabalho fora de casa e criar os filhos, a todos os momentos, junto de si; e especialmente me surpreendo de que haja ainda, no mundo, tantos cuidados e carinhos com as crianças, numa época em que os homens se esqueceram da ternura que os envolveu na infância, e lutam terrivelmente, e morrem no campo de batalha, quasi sempre sem que uns braços de mãe ou de piedosa guardadora os recebam com emoção e caridade.

É que ainda não perdi a ingenuidade de acreditar que a Humanidade é boa...

LEOPOLDO NUNES

MATERNIDADE!



Há 37 anos, Mestre Viana da Mota era assim...

O tempo corre sobre nós, impiedosamente. Fica, porém, sempre uma recordação dos outros tempos, daqueles tempos que, no dizer do poeta esse foram, para não mais voltar...

Em 1907 — e já lá vão trinta e sete anos — Viana da Mota, o Mestre insigne que vale hoje como uma das glórias musicais do nosso país, era tal e qual como a fotografia acima o reproduz: um jovem de bigodes bem talhados, à Cyrano de Bergerac, de olhar melancólico e sonhador, de testa alta e inteligente, de cabeleira farta, onduladamente poética e de grande laço negro a marcar a sua personalidade de artista. Sim, porque nesse tempo, todos os artistas usavam um enorme laço negro...

Lemos agora, como um sorriso de saudade, o que nesse tempo se escrevia acerca do então já grande «virtuoso» do piano. Viana da Mota entusiasmava o público elegante da capital, com o prodígio das suas mãos mágicas que tão depressa arrancavam das teclas queixumes duma sensibilidade profunda como arranques duma violência magistral. Quando ele tocava, os corações pulsavam ao sabor da sua música.

Contudo, quantos seriam capazes de profetizar a futura glória de Viana da Mota? Nesse tempo, os ídolos eram muitos e os vaticínios de triunfo, por vezes, saíam errados.

Mas o Mestre marcara já a pujança do seu talento e a força da sua vontade. Ele havia de vencer. E venceu! E hoje, ao ler esta crónica breve, recordará talvez connosco esses tempos idos, em que ele era disputado pelos mais belos sorrisos, em que ele era novo e forte...

Lembrar-se-á, possivelmente, desse grandioso Concerto, no Salão do Teatro de D. Maria, em princípios de 1907, onde colaborou com outra grande esperança de então: a talentosa violoncellista Guilhermina Suggia?

Há quanto tempo isso foi. Parece que estamos a ver a assistência escolhida, emocionada e a ouvir o sonho de música que os dois grandes artistas ofertaram nessa noite aos que tiveram o privilégio de assistir a tal Concerto.

Guilhermina Suggia, de grande vestido de cauda, cheio de rendas caprichosamente bordadas e de folhos bonitos, executou, com grandeza, como só ela sabia executar, a «Sonata» de Strauss, acompanhada por José Donet. Depois, Viana da Mota sentou-se ao piano. Num gesto calmo alisou a sua cabeleira larga e logo as mãos caíram sobre as teclas, fazendo nascer, no silêncio da sala enorme, o maravilhoso poema que era a Sonata de Liszt.

Vejamos o que diz a «Ilustração Portuguesa» referindo-se ao sucesso desse concerto inolvidável.

«...O primor da execução, a belleza do estilo de ambos os artistas, foram inextinguíveis, tendo, decerto, aquellas

duas obras-primas musicais sido raramente interpretadas com tão nobre sentimento e tão bello vigor...

...O mytho de Anteo é conhecido: quando tocava, a terra ergula-se rejuvenescida. Os talentos dos dois grandes e admiráveis artistas igualmente terão rejuvenescido ao calor do applauso dos seus compatriotas.

Bons tempos, esses. Então ainda se escrevia «belca» e «aplausos» com dois «l» e punha-se em «estilo» e «mitos» um «y» e lançava-se mão de graciosas parábolas como a de Anteo, para dizer que o êxito consagrara os artistas...

Bons tempos, esses. Já lá vão trinta e sete anos. Quantas canseiras, quantas dúvidas, quantas inquietudes terão ficado pelo caminho?

Hoje, Mestre Viana da Mota tem o seu nome firmado nas páginas gloriosas da vida artística portuguesa. Mas antes, há trinta e sete anos, lá para os princípios do século, Viana da Mota era assim mesmo: um jovem elegante, simpático, cheio de talento e de esperança...



«S «grooms» são das figuras mais simpáticas e mais pitorescas que existem na cidade. Eles sabem mil e um segredos, estão sempre com um sorriso nos lábios, prontos ao primeiro chamamento, lesto e rápidos, para o que for necessário. Lembremo-nos até daquella graciosa história, contada por Mário de Barros: «Três horas da madrugada... A porta dum clube, um «groom» esfingico espera ordens dos que descem e que lá em cima enriqueceram ou se arruinaram. Conhece-os pelo andar. Um, embaçado no seu «mac-fartands», «claque» no alto da cabeça, desce a escadaria roubando os «err» ao alfabeto. Junto ao «buffette» do «hall» acende um «Montroy» e pára. — V. Ex.ª quere um carro? — Não! Quero uma pistola... — Não tenho, mas vou buscar uma, se V. Ex.ª quere... O sujeito do charuto saiu a rir...»

É assim mesmo. Eles estão sempre prontos a satisfazer as mais estranhas exigências. Andam pelos jornais, pelos cafés, pelos Bancos, pelos cinemas, pelos teatros, pelas casas de modas, pelos alfaiates, pe-

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

...Para justificar esta minha carta, sou forçada a fazer de «Pilatos»! Na rua onde eu moro (como, aliás, em quasi todas as ruas), deita-se das janelas para a rua todas as porcarias possíveis, sem respeito pela hygiene pública. E a nossa policia raras vezes repára...

Eu moro num quarto andar. Tive e tenho sempre o maior cuidado em não incomodar os vizinhos, ou, por outra, em não fazer o que vejo fazer, porque detesto esses maus princípios.

Tenho culto pela estética da nossa Lisboa e tenho respeito por quem passa! Porém, apesar de tudo isto, houve alguém da minha familia que, limpando o pó a um «bibelot», chegou à janela e, irreflectidamente, sacudiu o pano do pó. Logo, subiram a escada dois homens à paisana, muito mal apresentados, mesmo com difficuldade de saberem escrever os apontamentos, e applicaram uma multa de 87\$00, que eu paguei sem protestar. E apenas protesto pelo facto de não se applicarem outras muito mais justificadas.

MICAELA DIAS DA SILVA — Rua Marquês de Sá da Bandeira, 94, 4.ª.

Em virtude, dizem, do raciocinio ou, talvez, de evitar aumento de preço, servem-nos agora nos cafés, açúcar por conta, peso e medida.

Ora os recipientes metálicos, tão limpinhos quando são utilizados pela

primeira vez, vão, depois, com o uso, accumulando açúcar no fundo. E então, ou isso serve para preencher o fundo, ou são lavados e mal enxutos, o que não está certo, pois o consumidor, assim, não recebe as tais 30 gramas, ou, por condições diversas, o açúcar em depósito constitue amálgama de porcaria.

Acêrca d'este último aspecto garanto que, há dias, vi um senhor que, sabendo ser a água açucarada fixadora do cabelo, se entreteve a deitar gotas de café no pseudo açucareiro, a fim de dissolver o depósito do fundo e depois se entreteve, com a mistura obtida, e com os dedos molhados, a cofiar os bigodes.

Não se poderia fazer, como nas familias pobres, o adoçamento do café na cozinha, ou servir o açúcar em comprimidos, ao abrigo do pouco aceio?

A não ser que consideremos, como o outro, que o que não mata engorda, e então tudo está certo nestes tempos da falta de conduto.

JOSÉ DIAS — Rua da Misericórdia, 31.

Há dias, entrei numa leitaria para telefonar. O telefone possuia uma daquelas caixinhas metálicas onde se mete o dinheiro. Assim, seguindo o processo indicado, meti uma moeda. Mas, não sei por que motivo, a moeda ficou entalada. Chamei o dono da leitaria. Ele veio, olhou para aquillo, e disse simplesmente: «A caixa está encravada... O senhor tem de pagar o consôrto». Veio o pessoal da Companhia e tive mesmo de pagar o custo do trabalho: trinta escudos. Eis o que me custou uma chamada que não cheguei a fazer. Estão de acôrdo com estas coisas?

PEREIRA DE CASTRO — Rua Cândido de Figueiredo, 50, r/c.

5 Minutos de entrevista com

SUA EXCELENCIA, O «GROOM»

O S «grooms» são das figuras mais simpáticas e mais pitorescas que existem na cidade. Eles sabem mil e um segredos, estão sempre com um sorriso nos lábios, prontos ao primeiro chamamento, lesto e rápidos, para o que for necessário. Lembremo-nos até daquella graciosa história, contada por Mário de Barros: «Três horas da madrugada... A porta dum clube, um «groom» esfingico espera ordens dos que descem e que lá em cima enriqueceram ou se arruinaram. Conhece-os pelo andar. Um, embaçado no seu «mac-fartands», «claque» no alto da cabeça, desce a escadaria roubando os «err» ao alfabeto. Junto ao «buffette» do «hall» acende um «Montroy» e pára. — V. Ex.ª quere um carro? — Não! Quero uma pistola... — Não tenho, mas vou buscar uma, se V. Ex.ª quere... O sujeito do charuto saiu a rir...»

los palacetes — afinal por quasi toda a parte.

Garotos de muitas classes, se tornam irmãos nessa profissão cheia de deliciosas aventuras. Eles guardam segredos de amor, servem para combinações arriscadas, vão levar e trazer correspondência perigosa...

O que passa naquellas pequeninas cabeças, Santo Deus! Depois, com a escola do cinema, eles imaginam aventuras sem fim e sentem-se heróis dessas aventuras. Os mais espertos, sobem na vida. Amalham lugares mais altos e rendosos. Conversámos, há dias, com um desses «grooms» inteligentes e esprevidados. O seu nome pode ser José, Augusto, Artur, Casimiro ou qualquer outro. Todos o conheceram nas o «Patinhas» tod suade uso de guerra!

Um dia, o rapazote appareceu por all com umas enormes patilhas, quasi até ao queixo. Os fregueses perguntaram-lhe porque é que andava assim. E logo ele, respondeu, sem hesitação: — É para ter barba e parecer homem.

Acharam graça, à petulância do rapazote e passaram a chamar-lhe o «Patinhas».

Falámos com ele. — Então que tal, estás satisfeito com a vida?

Ele torceu o rosto numa careta. — Conforme os dias... É uma questão de gorgâtas...

É perscrutando-lhe o intimo: — Que ambições ser?

— Porteiro de Hotel... Tinha um tio que era porteiro na Curia. Fazia viagens e tudo...

Passá um ar de melancolia pelos olhos do «Patinhas».

— Tenho de ajudar a minha mãe... Se conseguisse chegar a porteiro, arranjava uma casinha no campo para ela e para o meu irmão mais pequeno.

Sorrimos indiscretamente. — E reparigas? Ele desvia os olhos.

— Ora... Conheço uma que não me rala nada, se ela me quisesse... Mas é uma presunçosa, lá porque canta numas emissões de rádio.

— E tu, não a acompanhas? — A casa? — Não, nas emissões.

— Isso, sim... Eu só tenho voz para chamar os «táxis» de que os fregueses precisam...

Inclinámo-nos para ele: — Ouve lá, já assististe a algum acontecimento importante? Um abano de cabeça, com força: — Já!

— Qual? — O nascimento do meu irmão... Nasceu lá em casa...

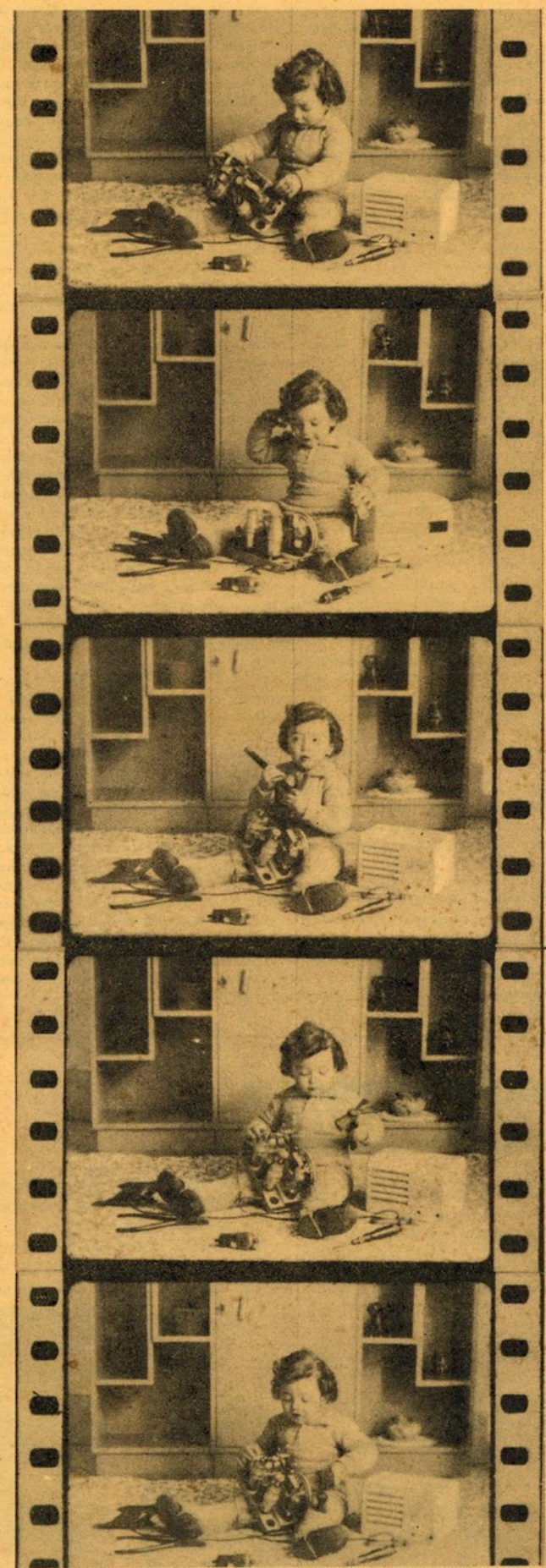
Explicámos melhor: — Não é disso que se trata... Referimo-nos a um acontecimento importante na tua vida de «grooms»...

Ele recua. — Oh, não posso falar nessas coisas. Se o patrio soubesse punha-me na rua...

E assim terminou esta breve entrevista com o «Patinhas» — um dos mais simpáticos «grooms» de Lisboa — para servir V. Ex.ª...

REPORTER DOIS

Quando o bebé quere ser engenheiro...



FOTOS ARMANDO SANTOS

A França procura-se

UM dia da semana passada divulgou-se a notícia de que o general De Gaulle tinha saído de Argel para Brazzaville, onde iria reunir-se a conferência dos delegados de todas as possessões do império francês. A reunião começou, efectivamente, no último domingo e assume uma significação que importa não perder de vista, tanto mais que se evidencia desde logo na própria escolha do local destinado a servir-lhe de cenário. Brazzaville, capital da África Equatorial Francesa, é duplamente simbólica: para os franceses em geral, por ser um dos mais modernos marcos da sua acção colonial e colonizadora, pois o explorador Brazza, seu fundador, viveu entre 1852 e 1905 e a cidade está hoje em grande florescência; para De Gaulle e para o que ele representa, por ter estado a África Equatorial Francesa desde a primeira hora consigo e por ter sido Brazzaville, por assim dizer, a primeira capital da França combatente, após o armistício de 1940. Quere isto dizer que, no meio das suas agruras, repartida em duas França, cada uma das quais, por sua vez fraccionada, a França procura-se a si mesma, procura reencontrar-se, em toda a plenitude da sua grandeza, do seu esplendor, da concepção que o mundo se tinha habituado a fazer do espírito, da sua luz irradiante, do poder da sua experiência e do seu conselho.

Em 1940, o Presidente Lebrun, vergado ao péso das advertências de Pierre Laval, desistiu de se fazer transportar, com os selos do Governo, de Bordeus para o Norte de África. Isso valeu a capitulação total da França, com o seu Governo, perante o exército vencedor da batalha, a aceitação da derrota, a deposição das armas, a humilhação e o sacrifício para todo o tempo que fosse ditado pelo inimigo da véspera, que era o inimigo tradicional, o inimigo de sempre. A transferência do Governo francês para Argel ou Casablanca teria como consequência a cessão temporária de todo o território continental, mas teria permitido a continuação da luta. Parece que quanto mais pesou no espírito de Lebrun e no dos que como ele acederam a ficar foi a perspectiva da divisão do império ultramarino: a dispersão, a dissidência. Está claro que a dissidência não deixou de se verificar, com De Gaulle e meia dúzia de cooperadores de pequena significação, fazendo a guarda de honra à bandeira de combate. O rumo dos acontecimentos, provocado pelo desembarque anglo-americano na África francesa fez o resto — repondo perto de ano e meio depois a situação tal como ela se poderia ter posto desde logo, sem solução de continuidade jurídica, em Junho de 1940.

A reunião de Brazzaville tem, precisamente, o carácter de ter sido inspirada e decidida para dar às possessões coloniais francesas uma oportunidade de reafirmar o seu desejo de unidade, de arvorar no mastro mais alto a bandeira comum. É a hora, que se aproxima, de tentar a nova arrumação de forças, de valores e de possibilidades do mundo inteiro. Como será o mundo que vem? Que idéias novas trará consigo? Que desejos? Que cobizações? Que concepções? No meio de tudo, sentindo a sua própria confusão avolumada pela confusão de todos, quando já vezes lhe negaram para o futuro próximo o lugar de primeira fila que se habituou a ter no concerto das nações — isto, apesar do seu esforço de reabilitação e do lugar que retoma no esforço comum da guerra — a França procura reganhar alentos próprios para que, na hora própria, a voz de todos os franceses se possa fazer ouvir e impôr como a voz da própria França:

— Aqui vim, aqui estou. Cometi erros, mas bem cara foi a expliação que sofri. Onde está quem possa mostrar tantas cicatrizes de chagas tamanhas?

E a voz da França será ouvida a tempo de se impôr. Não pela sua violência, nem pela compra de consciências e influências, mas pelo seu próprio poder de convicção e sereno raciocínio.

J. R. S.

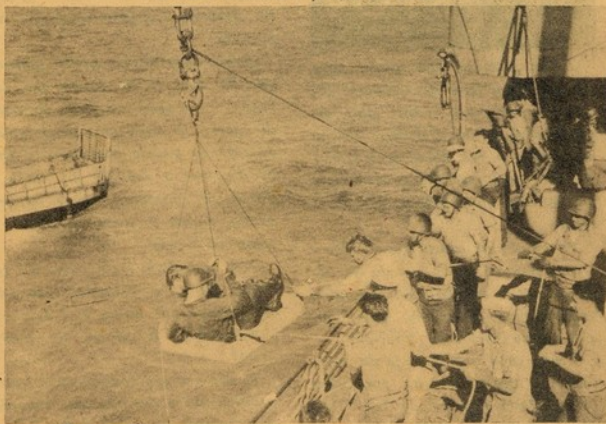
ALEMANHA

BERLIM tem sido submetida a sucessivos bombardeamentos. Qual a percentagem das destruições? Os cálculos variam — e cada qual puxa a brasa à sua sardinha: naturalmente... O segredo é uma arma de guerra. Sabe-se, porém, que o próprio

bairro onde estavam as principais representações diplomáticas estrangeiras foi atingido. Aqui vemos, na foto da esquerda, o aspecto dos escombros a que ficou reduzida a legação da Suécia. Mas os arquitectos e os engenhei-

FERIDOS DA GUERRA...

Engenho e curioso meio para a transferência, de um para outro barco, de soldados americanos feridos em combate



BULGARIA

Para quem a Macedónia?...

A arrumação das fronteiras da Europa é um caso para depois da guerra. Primeiro é preciso saber quem ganha a guerra, depois importa saber o que pensa o vencedor. Entretanto, cada um vai pensando na propaganda que convém fazer dos seus pontos de vista. A Bulgária tem os seus, que deseja, naturalmente, fazer prevalecer: a Macedónia, por exemplo. No jornal «La Parole Bulgare», que se edita em língua francesa, o problema surge pôsto nestes termos: «Para o povo búlgaro, a Macedónia e a região do Mar Egeu não podem ser objecto de discussão. São terras búlgaras, povoadas de búlgaros, incorporadas na história milenar do país. Como poderiam os búlgaros cometer o sacrilégio de renunciar a estas terras?».

O sudeste europeu foi sempre um verdadeiro «puzzle». Qualquer que seja o desfecho desta guerra, a tarefa de arrumar em seu devido lugar todas aquelas populações, cada uma com sua mescla de características, não será das de menor dificuldade. E, também, das de menor influência para o que há-de vir...

SUÉCIA

O Prémio Nobel vai acabar?

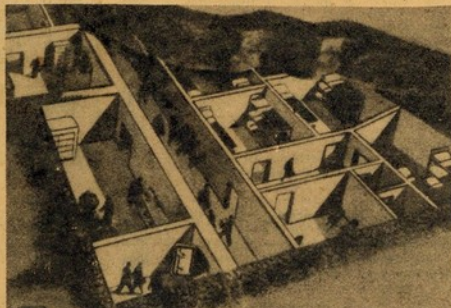
A história do Prémio Nobel está contada e recontada. Nobel era um sueco fabricante de dinamite, que, um dia, por ventura tocado de remorsos pelos danos que a sua descoberta teria feito e continuaria a fazer ao mundo, se decidiu a instituir uma série de prémios para recompensar as actividades humanitárias. A fundação Nobel instituiu, desse modo, os prémios destinados a compensar em cada ano a melhor obra literária, a melhor descoberta de química, o melhor trabalho de medicina — finalmente, o homem que, em cada ano, mais tivesse trabalhado pela paz...

Desde 1940 que o Prémio Nobel não é atribuído. Nem o da paz — o que é compreensível desde logo — nem os outros. E isto é que pode parecer mais confuso. Mas não. Foi o próprio governo sueco que fez o pedido nesse sentido. O Comité Nobel funciona na Suécia. O próprio Governo sueco intervinha, se não na escolha, pelo menos no acto da distribuição, pois era das mãos do próprio rei, em sessão solene, que os premiados, vindos de todas as partes do mundo, recebiam a preciosa e invejada recompensa. E era preciso evitar possíveis melindres: a diplomacia do mundo em guerra é ainda mais bisbilhoteira do que a diplomacia «tout-court». E a Suécia é um país neutro!

Agora, porém, surge o boato de que o Prémio Nobel, interrompido na sua distribuição em 1940, pode bem ser que não volte a ser outorgado. E isto resulta de um antigo litúgio pôsto pelos herdeiros Nobel. A sentença não lhes deu razão, mas estabeleceu que a validade da instituição do Prémio Nobel caducaria desde que a sua distribuição não fosse feita durante cinco anos consecutivos. E assim estamos. Podem os tribunais considerar que a interrupção é consequente de causas externas, independentes da vontade do Comité e, por isso, tudo pode continuar como está? Aguardemos, na altura própria, a sábia e justa opinião dos peritos.

BERLIM BOMBARDEADA

ros suecos tinham tudo pensado, na previsão do pior. A foto da direita mostra um corte transversal do projecto para a construção de uma pequena «legação» subterrânea à prova de bombardeamentos.





CLARK, o herói de Salerno

ESTADOS UNIDOS

O general Clark, esse jovem comandante do 5.º exército que o Presidente Roosevelt acaba de condecorar, é hoje um herói. A sua acção em Salerno foi particularmente notável, e os termos da citação com que foi elogiado são bastante expressivos: «Sob o fogo de artilharia e de metralha inimiga, o general demonstrou absoluto desprezo pela sua segurança pessoal comunicando a todos um verdadeiro espírito de coragem imabalável».

Esta citação e os factos que a motivaram fizeram, assim, do general uma das mais populares figuras americanas — um general Montgomery inglês, com a diferença de ter apenas 47 anos...

Filho e neto de oficiais, seguiu para West-Point com 20 anos, onde depressa se torna notado pela pujança do seu talento — e dos seus sócios, pois a todos excede Clark, como jogador de «box»...

Depois das lutas desportivas ganhas na academia militar, o futuro grande oficial — mede 1m,88... — bate-se durante a Grande Guerra em França. Vai para a primeira linha dos Vosges, onde é ferido sem importância. Por isso regressa ao «front» — em Argonne, na ofensiva vitoriosa que precedeu o armistício.

Depois, vem a paz com os grandes ócios, o tempo mal empregado como instrutor. O seu desgosto é tão grande — que por pouco não abandona a carreira militar. Mas o Ministério da Guerra chama-o a Washington, impressionado pelos trabalhos de ordem técnica, assinados pelo jovem oficial de 27 anos. Confiam-lhe planos de reorganização do exército. Em 1935, termina o curso do Estado-Maior. Dois anos mais tarde, dão-lhe a direcção da 1.ª divisão do Ministério da Guerra.

Em 1938, é chefe do Estado-Maior da terceira divisão — e é então que, em Fort Lewis ensaia e põe em prática as suas teorias acerca de operações anfíbias. O general Marshall chama-o para junto de si e, ao mesmo tempo — ou pouco depois — é nomeado chefe do Estado-Maior general. Era em 1940 — quando Clark contava apenas 43 anos de idade. Marshall dá-lhe a direcção do serviço de instrução e ordem de coordenar e modernizar o jovem exército norte-americano. Percorre, então, os Estados Unidos em todos os sentidos, para que as suas ordens e prescrições sejam rigorosamente cumpridas. As grandes manobras de 1941 atestam a eficiência dos métodos de Mark Clark. Depois, vai a Inglaterra, organiza as operações anfíbias que hão-de ser coroadas de êxito, por ocasião dos desembarques no Norte de África, insiste porque lhe seja entregue o comando de tropas em campanha — e ei-lo que surge à frente do 5.º exército americano e, depois, feito herói de Salerno, suportando o maior peso e as maiores dificuldades, sem esquecer as da inexperiência, por ocasião do ataque à Itália anti-fascista.

Diz-se que Mark Clark é muito aborçável, simpático, musculoso e seco de carne. Gosta de pescar à linha, esqueceu o «box», mas joga de preferência o «poker». E diz-se também que, tendo casado em 1924, é dos homens mais felizes deste mundo.

Marshall disse que «temos em Clark uma personalidade extraordinária, e Moubatten confessou que «ainda havemos de ouvir falar muito dele»...

Eis em traços largos, a história breve e notável de um dos melhores chefes militares dos Estados Unidos — que é, ao mesmo tempo, um dos grandes elementos de combate à disposição das Nações Unidas.

ITÁLIA

A última reunião do grande Conselho Fascista

O dia 24 de Julho de 1943 amanheceu carregado de preságios para os romanos. A Cidade Eterna sofrera, poucos dias antes, um violentíssimo bombardeamento aéreo que tinha deixado irreconhecíveis alguns dos seus bairros principais. O Duce regressara de Feltre, onde se avistara demoradamente com o Chanceler do Reich. Acompanhara-o apenas uma pequena comitiva, onde se destacava o Chefe do Estado-Maior, general Ambrósio. Este transmitira aos seus amigos as notícias mais desoladoras sobre os resultados da entrevista. E Roma é uma cidade onde as más notícias se propagam com a rapidez dos relâmpagos.

A conspiração contra Mussolini e contrária a sua orientação vinha tomando proporções, especialmente depois do desembarque aliado na Sicília. Imprudentemente fora dada maior publicidade a um discurso proferido pelo chefe do governo, perante a hierarquia do partido, no qual aparecia a afirmação de que os soldados ingleses e americanos, que se aventurassem até às praias sicilianas, ficariam nelas, mas em posição horizontal. A verdade é que o desembarque se tinha realizado com êxito e os soldados desembarcados continuavam a avançar.

O bombardeamento aéreo de Roma, a tomada do importante entroncamento de Enna, na Sicília, que dava praticamente aos invasores a posse da ilha, e o resultado negativo da entrevista de Feltre criaram em Roma uma atmosfera de mal-estar e de inquietação que se reflectia na atitude dos meios oficiais, até essa altura relativamente optimistas. O Führer respondera, apoiado no parecer do seu Estado-Maior, com uma negativa formal ao pedido italiano para fornecer

tropas e material com o fim de defenderem o sul da Itália. O seu plano consistia em reunir na linha do Pó todos os elementos disponíveis para a defesa do solo italiano, organizando ali uma barreira intransponível ao avanço dos Aliados.

A parte sul da península seria, assim, aberta aos invasores que não deixariam de aproveitar a oportunidade para a ocuparem militarmente e também para entregarem o poder, em Roma, aos partidos anti-fascistas. A cartada era particularmente grave para a nação e para o regime. Compreende-se que o Duce tenha hesitado em a jogar, por mais profunda que fosse a sua confiança na vitória final do exército alemão. Essa hesitação foi assinalada, durante os quatro dias que decorreram entre o seu regresso de Feltre e a reunião do Grande Conselho.

Entretanto as personalidades mais ilustres da política, do exército e da indústria italiana consideravam que o prolongamento das hostilidades não deixaria de se traduzir, dada a intensidade dos bombardeamentos aéreos e os perigos e inconvenientes da invasão, pela ruína completa do país. Mas os elementos que pensavam assim não tinham podido concertar a sua acção. Havia várias conspirações, em marcha, simultaneamente. As duas principais eram conduzidas pelos elementos mais representativos do partido que entendiam que este devia continuar no poder, embora aliando Mussolini, e pelas principais figuras do exército que não deixavam de argumentar que este fora envolvido na luta sem estar devidamente preparado para isso.

O chefe visível e reconhecido da primeira era o Conde Dino Grandi. O Chefe cauteloso da segunda era o general Pietro Badoglio. Com o Conde Grandi encontravam-se os homens que tinham dado à causa fascista toda a sua dedicação e esforço, desde os precursores, como Federzoni, e os quadrunvíros da marcha sobre Roma, como de Bono e de Vecchi, até à ala nova do partido, com Bottai e Bastianini. Com Badoglio colaboravam os generais Ambrósio e Roatta, que ainda se encontravam no desempenho de missões de confiança do regime. Os políticos contavam que este sobrevivesse à crise. Os militares sabiam que os Aliados não aceitariam essa condição.

Em última análise o problema teria de ser decidido pelo Rei. Este habituara-se, de há muito, à ideia de substituir Mussolini. O seu ponto de vista pessoal quanto à atitude eventual dos vencedores, harmonizava-se com a opinião dos chefes militares: a queda do Duce seria a queda do fascismo. Por isso, antes de se decidir, exigiu para o seu procedimento uma base legal. Seria o próprio partido que resolveria a queda do chefe que o tinha encaminhado durante vinte anos.

Esta foi a razão por que o Grande Conselho Fascista se reuniu, durante toda a tarde e durante toda a noite de 24 de julho de 1943. Quando a reunião se iniciou a sorte do Duce estava decidida. O Conde Grandi tinha no bolso uma menção assinada por dezotto nomes que representava a destituição e o fim da carreira de Mussolini. Nenhum dos signatários desse documento, entre os quais se contava

o Conde Ciano, deixou de cumprir a promessa. Na altura da votação, todos se manifestaram contra o Chefe. Cinco deles foram executados em Verona. Os treze restantes conseguiram fugir a tempo e foram condenados à revelia. Para esses, esta página da história da Itália deve constituir uma recordação bastante penosa.



A ILUSÃO



TEREZA GAMEZ

Há vinte anos talvez que por ti passo
E sem buscar-me, fácil, o ensejo,
Nem, de leve, estendi o magro braço,
Para tirar-te o chapéu, quando te vejo.

Quantos gestos de amor faço e não
faço!
Quanto murmúrio! Quanto doce bar-
pejo!
Já pensei mesmo em dar-te um longo
abraço,
Mas fica tudo apenas em desejo...

Assim — longínqua e terna fantasia! —
Eu limito-me a esperar o santo dia
Em que o Destino me toque de beleza,

E eu posta beijar a tua mão,
Com vénia de D. Alvaro, o Sultão,
E dize-te, sorrindo: — «Toma, Tereza!»

Pela cópia clara:

Í. O. G.

A maneira de Almada Negreiros

QUEM era Homero? — pergunta a minha curiosidade. E a minha curiosidade me responde. Homero era um velho cego cantador que andava, de cidade em cidade, espalhando no ar os seus versos. Era velho porque tinha a experiência da eterna juventude. Era cego porque via tudo o que os outros, que não eram cegos, não podiam ver. Era cantador, porque quem canta seu mal espanta. Homero nasceu universal — mas viu-se grego...

Eis todo o seu enigma decifrado e inesgotável. O caminho está agora aberto do princípio para o fim, do meio para o lado, do beco sem saída

para a larga praça do Universo. Da noite para o dia. A antiguidade moderniza-se. Estamos em plena actualidade milenária. O «Diário de Notícias» está na Grécia de Homero, do tempo de Homero, e o espírito de Homero chefia o jornal de maior tiragem e expansão de todos os jornais portugueses, como disse o cego que tudo via.

Aqui ficamos que a emoção é demasiado forte para não poder resistir à lágrima. É que Homero agora olhou-me com uns olhos que ele, o velho cego, já não abria desde que vira tudo.

ENCONTREI, há dias, subindo a Avenida, um velho amigo meu. Vestia rigorosamente de preto e a sua expressão, pálida e triste, pressionou-me.

— Estás de luto?

— Estou.

— Quem te morreu?

— A última ilusão.

E como eu, mais tranqüilo, me permitisse sorrir, êsse meu amigo acrescentou, fixando-me com os olhos em que se adivinhava uma névoa confrangedora:

— O caso é mais sério do que tu julgas. Quando se perde a última ilusão nada mais há a esperar da existência...

Se pode haver «blagues» dolorosas, esta — a dum homem que se veste de preto em sinal de luto pela última ilusão que perdeu — devia ser uma delas. No fundo desta «blague» existia, de facto, qualquer coisa que impressionava. Na verdade, a ilusão constitui a flor da vida e, quando dentro de nós, essa flor seca, a vida perde quasi todo, senão todo, o seu encanto. O segredo da felicidade está, porém, em fazer nascer, dentro do nosso espírito e da nossa imaginação, sucessivas ilusões destinadas a substituir aquelas que as vicissitudes da existência vão, dolorosamente, secando. Depois do inverno agreste — e quantos invernos temos nós em cada ano! — é necessário criar, dentro de nós próprios, nos temos nós em cada ano! — é necessário criar, dentro de nós próprios, uma nova primavera que nos reconcilie com a vida. A esperança é a maior e a melhor ilusão humana. Só são felizes — quanto se pode sê-lo no mundo — aquêles que sabem esperar.

O meu amigo ouviu-me em silêncio, acendeu um cigarro e, quando ia a retorquir-me não sei quê, passou por nós uma rapariga loira, esbelta, envolta num casaco de peles, e da qual parecia exalar-se um eflúvio primaveril.

— Engraçada rapariga, não achas? — perguntou êle.

— Parabéns, homem! — respondi-lhe.

— Por quê, parabéns?

— Porque acaba de nascer-te uma ilusão. Veste-te do côr de rosa — e dá cá um abraço...



LUAR DE JANEIRO



Numa noite dos
omeços de Janeiro
quem escreve estas
linhas decia o
Chiado com o dou-
tor Manuel Ribeiro
Ferreira, espírito
elegante e culto.

No céu cintilava a lua, fazendo descer a névoa de prata do seu clarão sobre o Chiado. Parámos, um instante, a olhá-la. Era uma lua gorda, alegre, bem disposta — uma autêntica lua cheia, uma autêntica lua nova-rica...

— Que opulenta lua! — murmurámos.

E logo o doutor Manuel Ribeiro Ferreira acrescentou com justeza:

— Tem cara de quem lhe saiu a sorte grande...

E tinha mesmo.

O FRIO



Um amigo nosso
apanhou há pouco
um ataque de gri-
pe — ao tirar o
chapéu a uma se-
nhora. Aviso: não
tirem os chapéus
às senhoras — en-
quanto durar o inverno. Já dizia, há quatro séculos, o nobre D. Alvaro de Castro a uma linda mulher num dia de vento e chuva, em que a encontrou saindo da igreja da Graça:

— Senhora, permita-me que me não descubra. O bom português deve morrer pela sua dama, mas não vejo razão para se constipar por ela!

DE CACHIMBO



Quando uma
noite destas estive-
mos em casa de
João Correia de
Oliveira, o drama-
turgista do «Paço de
Portulado», surgiu-
nos, heróicamente,
fumando cachimbo. Pela primeira vez,
em tantos anos de convívio, Correia
de Oliveira aparecia sob aquêles as-
pecto.

— Por que deixou o cigarro? — perguntamos-lhe.

— Por causa da mortalba... De resto, um charuto sempre é outro luxo...

Imediatamente o poeta illustre do «Auto das Quatro Estações», que estava presente, comentou num sorriso:

— Fumaças do João...

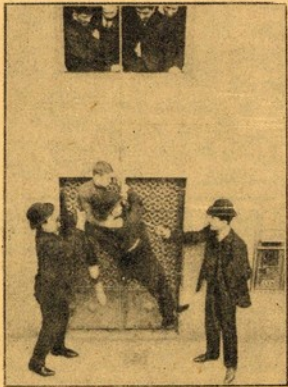
NÚMERO 13



O actor Joaquim Miranda, probo artista, realizou, há dias, a sua festa no «D. Maria». Do programa fazia parte a conhecida peça dos Irmãos

Quintero — «Manhã de sol». A última hora a «Manhã de sol» não pôde romper. Por quê? Mistério impenetrável até agora, e dizemos até agora porque o enigma acaba de ter uma explicação fácil: Joaquim Miranda mora numa casa que tem o número 13. Foi o número 13, como tantas vezes sucede, o autor do contratempo. Amigo Joaquim Miranda, se quiser representar a «Manhã de sol» — mude primeiro de casa... Também quem se lembra de morar no número 13!

EXPERIÊNCIA ...



TODA a Lisboa do tempo foi assistir àquela experiência do "descensor aspiral", que se realizou no edifício de «O Século».

Foi um antigo bombeiro voluntário do Pôrto, o sr. Guilherme de Oliveira, o autor de tão extraordinário invento, que agora, visto a distância, ninguém é capaz de atinar para que serve.

Segundo dizem os jornais da época, tratava-se de um salva-vidas tão útil como simples. Estas fotos mostram algumas fases da experiência. Tem graça não tem?...
 * * *

Sapatos com solas de vidro

EIS a grande moda deste inverno, em Paris. Solas espessas, feitas de vidro, mas muito leves e inquebráveis.

Infelizmente, é uma moda muito cara, pois só as elegantes endinheiradas se podem dar a semelhante luxo. Um par destes sapatos custa nada mais, nada menos, do que 5.000 a 6.000 francos, o que vem dar, ao câmbio oficial, qualquer coisa como três mil escudos...

LUVAS PARA VIDRACEIROS

PARA evitar de se cortarem, os vidraceiros usam, geralmente, luvas de lã, ou luvas vulgares. Porém, se isto impede que se cortem, não evita que as grandes peças de vidro escorreguem e caiam com facilidade, porque o tacto está reduzido. Apareceu recentemente no comércio um novo tipo de luvas que são bastante práticas. Qualquer vidraceiro pode, aproveitando as suas, applicar-lhe nas pontas dos dedos umas tirinhas de borracha. Para isso basta cortar pequenos pedaços de borracha de câmara de ar e colar sobre as luvas.

Distintíssimo Maestro:

Um espectador foi reembolsado por Verdi, porque não gostou da «Aida»...

Reggio Emilia
7 de Maio de 1872

EIS uma anedota a que não se pode negar bom sabor, tanto mais que é verdadeira, pois foi traduzida do livro «La vita di Giuseppe Verdi», escrito por Berlazzi:

Em 2 do corrente, parti para Parma entusiasmado pelo successo attribuido à «Grande Ópera Aida»; meia hora antes de levantar o pano eu estava sentado na minha cadeira n.º 120. A dóvida, no entanto, era grande da minha parte sobre o valor da «Aida». Admirei o aparato do cenário, ouvi com prazer os grandes artistas e fiz o assível para não perder nada da vossa Ópera.

No fim, perguntei a mim mesmo se estava satisfeito mas a resposta foi negativa.

Voltei para a minha terra e no comboio estive com atenção a ouvir as várias opiniões dos passageiros. Eles, porém, estavam plenamente de acôrdo: a «Aida» era uma grande Ópera.

Pensando que talvez não pudesse apreciar a vossa Ópera, ouvindo-a uma só vez, voltei quatro dias depois à segunda recita. E lutei, então, com grandes dificuldades, pois, o teatro estava cheio e eu queria um lugar barato. Mas como não conseguisse obtê-lo, tive que comprar um lugar de 5 liras, preço que achei caríssimo. No fim, a minha opinião foi esta:

Que a Aida é uma Ópera que não entusiasmou demasiadamente e que, se lhe tirássemos o aparato da montagem, não se poderia ouvir até ao fim.

Por esta razão, querido Maestro, não vos posso dizer, como estou descontente de ter gasto com a vossa Ópera 32 Liras! E como não sou rico, esta quantia persegue e tortura a minha vida, como terrível visão!

Peço-vos encarecidamente que me enveis a quantia gasta, o que vos jurei seja o mais breve possível.

Combóio, ida.....	2.60	liras
Combóio, volta.....	3.30	>
Theatro	8	>
Jantar péssimo na Estação	2	>
	15.90	>
Mais	15.90	>
Total	31.80	>

Deste desgosto tão grande, penso, caro Maestro, me quereis livrar com a máxima brevidade!

BERTANI

Podê-se calcular como ficou o maestro lendo esta carta. Ao principio, julgou ser uma brincadeira, mas tendo sabido que o tal Bertani existia, mandou pagar tudo, menos o jantar, pois disse e com razão, que o tal senhor podia ter jantado em sua casa!

COCKTAIL

SABEM QUEM FOI ROBERT KOCH?...



UM pobre médico sem nome, exercia clínica numa cidadezinha de provincia. Um dia, em 1876, esse médico publicou um trabalho a que deu o título de «Etiologia do carbúnculo». Tratava-se de uma teoria fundada sobre a história evolutiva do bacilo anthracis.

Como toda a gente sabe, o carbúnculo é uma doença dos animais que ataca em especial os carneiros, os cavalos, os bois e os porcos, mas que pode ser transmitida ao homem, sobretudo aos que lidam com o gado ou com os seus produtos, como os camponeses, os veterinários, os carneiros, os penteadores de lã e de feltro.

O mérito de Robert Koch foi o de descobrir que o carbúnculo era transmitido por um micro-organismo. Começou, então, a estudar as bactérias, cuja existência já era conhecida e admitida, pesquisando a sua natureza, as suas condições de vida, etc. As suas conclusões revolucionaram todo o mundo científico. Estava aberta, na ciência, a época da bacteriologia.

Robert Koch, como Pasteur, trabalhava com os métodos mais primitivos. O seu laboratório era paupérrimo; o microscópio, todos os instrumentos usados nas pesquisas eram da mais singela simplicidade. Todavia o génio consegue sempre vencer, mesmo nas mais precárias e difíceis condições.

Certo de que a sua descoberta era preciosa, Robert Koch estabeleceu três princípios fundamentais que são conhecidos por «Três de Koch»:

1.º—É necessário provar a existência do agente infeccioso no organismo doente.

2.º—Fazer a cultura do agente em meios de cultura sólidos ou líquidos.

3.º—Quando o bacilo cultivado for inoculado num organismo sã, deve provocar a mesma doença.

Estes três princípios, que hoje parecem tão simples, constituiram, nessa época, uma afirmação revolucionária.

O espirito atento e perspicaz de Koch, ao mesmo tempo que estudava esta questão importante, fazia outra descoberta. Observou ele que, tanto no sangue como nos elementos líquidos dos tecidos do animal vivo, as bactérias multiplicavam-se com uma extraordinária rapidez. Porém, ao se proseguirem as experiências, o meio de cultura vai perdendo os seus elementos vitais e as condições de vida do bacilo diminuem consideravelmente. Nessa altura dá-se novo fenómeno biológico: o bacilo já se não multiplica, mas toma um aspecto alongado, formando esporos — «esporos» estes que se podem, de novo, transformar em bactérias vivas. Por isso mesmo, todas as substâncias que estiverem em contacto com o bacilo do carbúnculo, representam, durante muito tempo, um perigo de infecção.

Robert Koch prosseguiu nas suas pesquisas. O segredo das doenças infecciosas estava desvendado. Reconhecendo o perigo das bactérias, tornava-se necessário agora, descobrir a forma de as combater. E descobriu o bacilo da tuberculose e da cólera. Infelizmente, não conseguiu, mau grado todos os esforços, descobrir o meio eficaz para combater a tuberculose.

Koch foi eleito presidente dos Serviços de Saúde Pública e contribuiu para a promulgação de novas leis de hygiene. O seu nome já mais desaparecerá da história da medicina e do firmamento onde brilham aqueles que por sua vida e esforços contribuíram para o progresso e bem da humanidade.

Aos oitenta anos casou-se pela sétima vez!

O TÚMULO DA Dama das Camélias

O sr. Arthur Smith afirma que o casamento é uma coisa excelente. Compraz-se em dizer, demonstrando um ponto de vista original, que a melhor homenagem que se pode render à esposa morta é o homem tornar a casar quanto antes. O sr. Smith tem oitenta anos, mas acha-se bastante forte, ainda. Contraiu recentemente casamento pela sétima vez com uma senhora de Leicester que tem cinquenta anos. O noivo declarou nessa ocasião que as suas primeiras esposas tinham sido «as melhores mulheres do mundo». Muitas pessoas acreditam que aos oitenta anos já se é muito velho para tornar a contrair casamento. Mas quem, com um espirito aberto à simpatia e ao amor doméstico, que se acostumou durante sessenta anos a ver perto um rosto amável, resignar-se-á a morrer de outra maneira?

SE alguma bomba não o arrazou, existe ainda no cemitério de Montmartre um monumento de pedra, de forma antiga, que termina, na parte superior, por uma urna cinerária. É este o túmulo da «Dama das Camélias». Em cada uma das faces do monumento há uma placa de mármore branco. A placa diz:

*Aqui descansa
Alphonse Plessis
Nascida em 13 de Fevereiro de 1824
Morta a 3 de Fevereiro de 1847
De Profundis*

Há quasi 100 anos que ali foi sepultada num coval raso—não houve tempo para construir um mausoléu—num caixão de carvalho, a verdadeira Margarida Gauthier, do célebre romance de A. Dumas (filho). O seu nome era Alphonse Plessis, viscondessa de Perreux, conhecida por Maria Duphosis, a «Dama das Camélias».

Pois é neste túmulo que, todos os dias, piedosos apaixonados vão deixar um ramo de violetas, saudades, eterna dos amantes de todo o mundo...

“A CASA ABATIDA”

por Ferreira Soares

O Dr. A. Ferreira Soares não é um escritor jovem nem um novo na literatura. Os quadros de vida aldeia que publicou agora em obra completa e definitiva sob o título de «Casa Abatida», já haviam sido revelados em fragmentos e esboços na revista «Portugalia», e não sei se em outras publicações, por alturas de 1929. Esses retalhos de primorosa literatura regionalista já o autor os compunha então inspirado em recordações e experiências vivas sob a sombra hirta e solitária do castelo da Feira; e os amigos que o conheciam na sua existência de artista-anacoreta há muito apreciavam o seu admirável espírito de observador das coisas e dos homens.

Nem por isso é menos original e sedutora esta aparição de um escritor de forte garra — cultíssimo e nobre carácter que se adivinha por trás de um estilo raro — apresentando em romance, na maior latitude de sentido, aspectos flagrantemente da vida rústica portuguesa. Na espessa e restrita definição com que se pontifica entre nós, actualmente, a natureza do romance, não pode incluir-se, certamente, a «Casa Abatida». Mas se entendermos por romance a expressão fiel de uma forma de existência, nos seus caracteres externos e na vibração interior que a alimenta, sob a transfiguração de um estilo expressivo e fluente — então é romance, e dos mais representativos, esta criação de Ferreira Soares. Há nele, sem dúvida, dois factores contrários: à indole universalista do romance: a excessiva fidelidade ao real, que dá algumas vezes a impressão de constituir memórias vividas em certos quadros da vida aldeia; e a indole regionalista, fechada em vocabulário especial muitas vezes dispensável para expressão dos caracteres, que Ferreira Soares se compraz em exprimir. Por isso algumas páginas se lêem com curiosidade etnográfica ou dialectal, prejudicando a essência da obra que bem poderia conformar-se a outras realidades superiores.

O regionalismo é uma forma secundária de literatura e é sempre um obstáculo para escritores de grandes qualidades como é, evidentemente, o autor de «Casa Abatida». A razão parece-me indiscutível: exprime-se a sua verdade restrita, o seu estrito espaço natural, através de uma mentalidade e um talento de artista que o superam em interesse e verdade

universais. Há nele, pois, um desequilíbrio de origem que se reflecte imediatamente em prejuízo da unidade de estilo indispensável a toda a obra de arte.

As páginas deste livro em que se exprime a visão sincera do autor — quadros líricos de paisagem, comentário psicológico de caracteres, reflexões fugidias sobre a essência da vida e dos seus problemas — contrastam fortemente com os diálogos em que os personagens falam a sua linguagem — a linguagem deles e não do autor. O desencontro é evidente — e por isso é tão difícil e rara a literatura regionalista de verdadeiro génio. Pode esta tomar duas formas radicalmente distintas — sem compromisso possível entre elas: ou exprime a verdade regional na sua própria linguagem, como se o autor não conhecesse outra ou a ela se confinasse fielmente; ou a exprime em termos universalistas, valorizando a própria significação humana da sua diversidade e mantendo a indole universal do estilo que é a mais alta representação da originalidade estética. Na literatura portuguesa, mesmo exemplo do primeiro caso nas criações fundamentais de Aquilino Ribeiro — e nesse inextinguível modelo que é «O Malhadinho»; do segundo caso, bastará lembrar as páginas de descrição rústica de Eça de Queiroz, em que as paisagens e figuras humanas são muitas vezes tão reais como as do mais rigoroso e estrito realismo.

«Casa Abatida» tem como principal, e talvez único defeito, a aliança forçada entre esses dois estilos definidos de literatura regional. É único defeito porque além dele se encontram neste livro algumas das páginas mais belas que se têm escrito sobre a terra e a gente de Portugal. As suas evocações de paisagem, sobretudo, têm uma beleza insinuante e contagiosa, um sentimento comovedor da natureza que transporta em encanto e fascinação as sensibilidade mais estranhas ao apelo à terra. Nesse ponto e em certos traços de caracterização humana — o estilo de Ferreira Soares é de uma intensidade expressiva que não sabemos se algum escritor português vivo poderá ultrapassar; e lastima-se espontaneamente que outras experiências literárias de grande divulgação não tivessem revelado há mais tempo este escritor em que palpita esse talento raro e sedutor.

No estadal nem sempre feliz da

JOÃO DA ROCHA E ANTONIO NOBRE



Muitas vezes, o destino dos homens cruza-se no princípio da vida e é lá que se cimentam ódios e amizades. João da Rocha, que não sabia odiar e era bom e simples, cruzou-se ainda em Coimbra com os homens que haviam de ser os seus amigos e companheiros da existência inquieta. Foi lá, em Coimbra, de facto, que João da Rocha conheceu e se tornou amigo de alguns dos homens com futuro assente nas letras, nas artes e na política. Entre esses, estava António Nobre. As suas tendências intelectuais tornam-se e a reciprocidade da sua estima adota o mútuo entendimento das coisas e dos sentimentos.

Quando em 1893 os estudantes portugueses visitaram Paris, as festas por longo tempo tiveram eco e nomeada. Os rapazes não conheceram limites para a expansão da sua alegria — e as fotos, mais do que as palavras, devem ilustrar melhor a verdade a respeito dessa festa de 15 de Dezembro. Mas, mais do que uma legenda da graça académica — as duas fotos revelam-nos o grau de camaradagem e estima que ligaram João da Rocha o poeta do «Só».

Na dedicatória da fotografia dessa festa pitoresca, António Nobre designa o autor de «Homens e Alvores» pela alcunha coimbrã de «Frei João das Dores e da Rocha».

crítica — ainda muito invadida pelo jornalismo torpe de elogio ou de polémica — este livro de Ferreira Soares provocou reacção salutar. Do seu recanto de província, amargurado pela morte, que nunca será esquecida, de um filho sacrificado ao mesmo sonho humano, este escritor, quasi desconhecido trouxe com «Casa Abatida» uma revelação surpreendente. A este penhor de vida criadora e à evocação de morte que o acompanha ninguém recusará a mais comovida homenagem de admiração.

ALVARO SALEMA

“De Como em A Noite de 15 de Dezembro de 1893 e das Pelas Immediatas do Fim do Recado n'uma Festança dos Estudantes de Paris, Ant. (que se applicou a Indignidade) estando com os rapazes nos Facs Minimos, Alhe-seu Pintado n'um Daniel Com mui trinta e 8 A Ceimar. e de Como nto foi Costigo e Adalencia de Aquele Sul de Or. e de os mto dos Paves e de de Muericordia e de Como for Pa-rate Ho Frei João das Dores e de de Para meditar pela Roberto Cer-custância e Hraza” ANTONIO

10 minutos com António Ramos de Almeida

ciais e humanas. A literatura tem de ser trabalho, duro, exaustivo, heróico, ousado para ser digno e merecer aquele alto lugar que lhe compete na vida dos homens. O escritor ou escreve com seu sangue, com seu suor e com as suas lágrimas, que devem ser o sangue, o suor e as lágrimas de todos os homens, ou resvala no diletantismo, onde brilham as frivolidades do talento, ou no subjectivismo doentio, megalomano e estéril, que constitue uma literatura brilhante, por vezes, no seu formalismo requintado, mas deshumano.

— E os mais novos escritores que tanto apregoam o seu Humanismo?

— Felizmente que os «litteratos» novos voltam-se para a Vida com desassombro, coragem e dignidade. A poesia de um Mário Dionísio, de um Joaquim Namorado, de um Sidónio Mourão, de um Manuel da Fonseca, de um João José Cochope, de um Fernando Namora, etc., etc., marca esse esforço de humanização. Não é uma escola ou um grupo, mas sim uma nova etapa da nossa poesia. Eis o que é preciso compreender.

Mas é no romance que os «novos» ou melhor, «as novas directrizes», se têm afirmado, com mais força, exuberância e originalidade. Alvaro Redol tem o início de uma obra, que já podia ficar por ali, mesmo que elle não escrevesse mais nada, mas «Fanga» é ainda um ponto de partida. Soeiro Pereira Gomes deu-nos: «Estêros»; Manuel do Nascimento, «Eu queria Viver»; Carlos de Oliveira, «Uma casa na duna»; Afonso Ribeiro, «Plano Inclinado» e «Aldeia»; Joaquim Ferrer, «Rampagodos»; Manuel da Fonseca, que é um prosador, «Aldeia Nova». E muitos outros que se têm revelado em publicações fragmentárias. Os romancistas atrin-

se à vida, deixaram de ter medo de ser banais, abraçaram-se à realidade e só assim se pode fazer romance...

— Não quero deixar esquecido Marmelo e Silva que é um novelista de tanta excepção, mas às vezes o talento só não chega, como o último romance de Namora o prova.

— E o Teatro?

— No teatro não temos ninguém, nem nos «novos», nem naqueles que se encontram mais ou menos consagrados, como os presentistas, e até nos mais velhos, que têm poetas desde Pascoais ao Afonso Duarte — que é preciso sempre lembrar; produtores como Aquilino, romancistas como Ferreira de Castro, também nada há digno de nota. O Teatro português tem apenas um dramaturgo sério: João Pedro de Andrade. A peça de Régio é projecção da sua poesia, embora tenha teatro e espectáculo. As tentativas de Almeida, Branquinho da Fonseca e Miguel Torga não são representáveis.

— E o que será da literatura depois da guerra?

— Não sou nem quero ser profeta. Só depois da guerra acabada é que poderemos saber o que a guerra fez. Há muita gente que espera o resultado da guerra como o Messias. Comodismo, Sebastianismo para não dizer pior. No entanto, a guerra provocará novas «condições» e serão os homens novos aqueles que estarão aptos a vivê-las. Os artistas exprimirão então essas «condições».

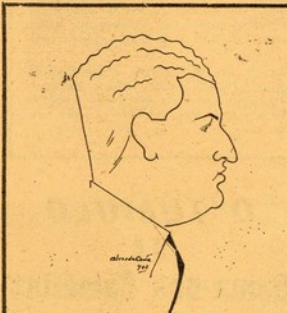
— E você?

— Eu, como todos, seguirei também, com certeza, o condicionalismo do meu tempo. Nenhum homem é profeta da sua própria vida. Quanto a planos, tenho, portanto, apenas um: continuar a trabalhar...

O destino dos escritores franceses

QUANDO parecem avizinhar-se da França graves acontecimentos militares e políticos, seria oportuno no domínio literário, conhecer o paradeiro dos escritores franceses que todo o mundo culto admirava. De vez em quando têm-se vagas e contraditórias referências a grandes nomes das letras francesas, como sucedeu nos últimos meses com Romain Rolland, André Gide e não sabemos se algum mais. Há dois anos, a imprensa da França noticiava os seguintes casos: Pierre Benoit, Duhamel, Paul Valéry, Cocteau, Daniel Rops, Henry Troyat, Maurice Rostand, etc., encontravam-se em Paris. Paul Claudel estava em Brindes, perto de Grenoble; François Mauriac na aldeia de Malagar, nas Landes; na Côte d'Azur encontravam-se Henry Bordeaux, Louis Bertrand, Carco, Roger Martin du Gard e Montherlant.

Estavam por essa altura prisioneiros em campos de concentração alemães os escritores Patrice de La Tour du Pin, Robert Brasillach, Jean-Paul Sartre, Marius Richard, Pierre Blondin e Pierre Bost. Refugiados na América estavam André Maurois, Jules Romain, Henry Bernstein e Julien Green. O romancista Jacques Chardourne estava na China; e as últimas informações de André Gide, davam-no em Tunes, saído de um campo de reféns na iminência de fuzilamento. Assim se dispersaram essas luzes intelectuais da França.

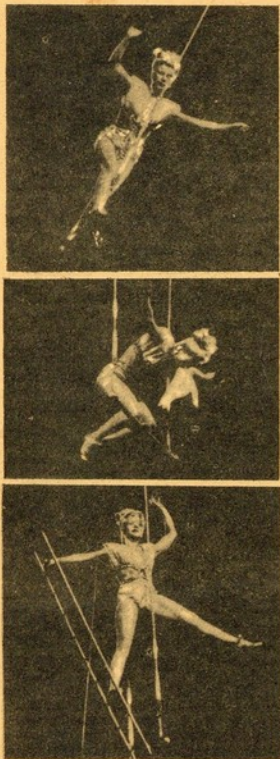


COM os seus livros de poesia e ensaios, publicados nos últimos cinco anos, o jovem escritor António Ramos de Almeida marcou uma direcção intelectual que já contém as mais animadoras promessas. Os três breves volumes editados em «Cadernos Azevedo» sobre Antero de Quental têm a actualidade de uma sólida revelação crítica e a frescura de um critério novíssimo de apreciação dos homens e dos valores literários. Ramos de Almeida anuncia para breve um livro de versos, «Sangue», destinado ao Novo Cancioneiro e uma novela, «Vespera», que representará outra fisionomia literária deste escritor da nossa geração.

Eis o seu depoimento: — Só compreendo a «entrevista» quando ela faz parte de um inquérito sério e desmistificador. Mas infelizmente, quasi sempre, a entrevista com os litteratos reduz-se apenas a uma nota de mundanismo, uma espécie de «carnet-elegant» das letras. Ora, a nossa literatura anda eivada de mundanismo, que é um sintoma de decadência em todas as actividades so-

Uma grande reportagem retrospectiva

QUANDO O «AMOR DE PERDIÇÃO» FOI CANTADO NA OPERA...



A maior bailarina acrobática do Mundo!

APRESENTAMOS Elly Ardeley que é, presentemente, a maior e a melhor bailarina acrobática de todo o Mundo. Ela é em três exercícios plenos de dificuldade e de arrôjo. Mas Elly Ardeley sorri. Ela brinca com a Morte, fazendo Arte—e pondo um fremito de maravilha e de receio nos olhos dos espectadores. Aluna da escola de ballet em Leninegrado, alcançou a reputação que a lançou depois por todos os países do Mundo. Hoje, é disputada a péso de ouro. Mas continua a mesma rapariga simpática de então. Sorrindo sempre...

TALVEZ muitos dos nossos leitores não soubessem, mas o «Amor de Perdição», esse romance imortal de Camilo, já teve também várias versões, desde a literária, primitiva e distante, até à cinematográfica, ainda bem recente. Foi uma história que sempre apaixonou o público português. E daí o facto d'ele ter sido apresentado já em romance, em teatro e em cinema. Uma das mais curiosas e sugestivas versões de «Amor de Perdição» foi, indiscutivelmente a ópera, com o mesmo título, que o senhor conselheiro João Arroyo apresentou na noite de 2 de Março de 1907, no Real Teatro de S. Carlos.

Senhor dum talento extraordinário e duma sensibilidade prodigiosa, João Arroyo pensara primeiro em fazer uma ópera do «Frei Luiz de Sousa» (seria talvez a versão A...). Contudo, depois, como não encontrasse no assunto a necessária plasticidade musical, preferiu entregar-se, de alma e coração, à tragédia amorosa de Tereza e de Simão. Deixemos agora que a pena proficiente de Moreira de Sá fale dessa obra excepcional que foi a orquestração de «Amor de Perdição», transcendendo parcelas dum brilhante artigo escrito por alturas da estreia.

«Fixado definitivamente o libreto, a composição começou com ardor e com aquela inflexível tenacidade que Arroyo põe na prosecução de todos os seus planos. Concluída a composição, faltava meter ombros à difícil tarefa de orquestrar a ópera. Era a primeira vez que ele se ocupava a sério duma tal empresa. Estudou os principais tratadistas, consultou instrumentistas de autoridade, analisou as obras dos mais notáveis orquestradores e, mercê da sua esplêndida memória, prodigiosa faculdade de assimilação e largo irocinio de ouvinte inteligentíssimo, sagaz e observador, em breve ficou na

posse dos melhores e mais modernos processos de instrumentação.»

«...A sua orquestração não é cópia d'este ou daquele mestre; bem, pelo contrário, tem sempre um cunho pessoal, com originaes e felizes combinações de timbres. E o que mais surpreende num primeiro trabalho d'este género é a sua admirável ponderação, homogeneidade, equilibrio e plasticidade.»

«...Como exemplos basta citar a magistral instrumentação do Prelúdio, onde se encontram reunidas tôdas as qualidades acima apontadas, o episódio do 1.º acto que se segue às palavras de Tadeu

Si, li conosco atesso admirável de elegância e de leveza, o prelúdio e 1.ª cena do 2.º acto que encerra verdadeiros primores, os bailados em que se nos depara uma instrumentação tão variada e pitoresca, todo o monólogo de Tereza, na 2.ª cena do 3.º acto, onde se encontra, na frase

Pertesi poco a poco quella sferne um belo exemplo do emprêgo das trompas e instrumentos de madeira fundindo-se gradualmente com tôda a massa orquestral (basta esta peça para o autor se afirmar incontestavelmente instrumentador consumado) e, como exemplo de magistral emprêgo dos metais a cena final

Aprite, é l'ora andiano

Positivamente, a orquestração de «Amor de Perdição» é uma das provas mais fulgurantes do enorme talento do seu autor.»

«...Como compositor dramático tem a intuição cênica, ciência das proporções, talento de gradação até chegar a um «climax» empolgante, facilidade de caracterização das personagens e das situações, exuberância de idéias melódicas, inextinguível variedade de harmonizações, tôda a Ópera oferece os mais belos exemplos, mas basta citar na VII cena

Persecuzion crudele
Mai fin tu non avrai?
etc.»

Assim escrevia, em Março de 1907, Bernardo Valentim Moreira de Sá, uma autêntica sumidade no mundo musical do nosso tempo.

E, porque confiamos nêle, estamos convencidos de que esse «Amor de Perdição», cantado em ópera, num italiano puro que admiraria o próprio Camilo, alcançou um indubitável êxito, enchendo S. Carlos de aplausos frenéticos.

A título de curiosidade, damos os intérpretes principais de então, para que o leitor possa apreciar e comparar com as personagens daquêle filme que António Lopes Ribeiro realizou.

Eis duas épocas e duas concepções bem diferentes. O «Amor de Perdição» de ontem... e o «Amor de Perdição» de hoje. Talvez valha a pena fazer a comparação...



Sr.ª Gagliardi no papel da protagonista: Tereza



Sr.ª Torrett no papel de Mariana



Tenor Fazzini no papel de Baltasar

Baritone Bonini no papel de Tadeu de Albuquerque

Tenor Russitano no papel de Simão Botelho

As últimas páginas de Gabriele d'Annunzio

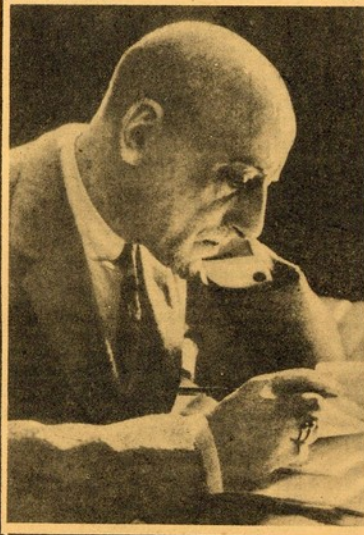
MERCÊ dos recentes acontecimentos políticos de Itália, voltou agora a falar-se na figura extraordinária de Gabriele d'Annunzio, o poeta do Amor e da Morte. Ele foi, sem dúvida, uma das mais fortes personalidades de todos os tempos — com seus caprichos e ambições, com sua originalidade e sensibilidade artística.

D'Annunzio foi um pouco de tudo: soldado, poeta, amoroso, homem de teatro e de cinema, génio para o bem e para o mal.

Quem não se lembra ainda da estranha paixão que Eleonora Duse viveu com esse homem, «cujo amor era brasa e cuja indiferença era gelo». Tudo começou, numa noite, em Roma, quando Eleonora Duse acabou de representar, como só ella sabia representar, a «Dama das Camélias». Entrou no seu camarim, chorando, transtornada, esgotada pela emoção e pela verdade com que representara, aquela Margarida Gautier, irmã gémea no ideal perdido. E, no camarim, encontrou um rapaz magro, elegante, de olhar metálico, de voz perturbadora que lhe disse, numa chama de admiração: «O grande amatrice!».

Soubes depois que esse rapaz se chamava Gabriele d'Annunzio. E ella, Eleonora Duse, foi, de facto, a sua «grande amatrice», até que elle se aborreceu dos seus beijos e a trocou por outra.

Eterno volúvel, esse Gabriele d'Annunzio! Mas quem sabe, se nas suas últimas páginas não recordou, de novo, essa mulher única que correu tôda a vida em busca do amor? Sim, ella lá estava fielmente retratada no «Fogoso». Mas, talvez, Gabriele d'Annunzio ainda tivesse alguma coisa para dizer, de mais íntimo e de mais sincero, nas páginas que não chegou a escrever...



PRODUCTORES IMPRODUTIVOS

A Inspeção Geral dos Espectáculos, em comunicação oficial dirigida ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, informou aquête organismo de que está sujeita a normas especiais a inscrição de novos produtores.

Não se trata duma resolução tomada por capricho, mas fundamentada em razões muito de ponderar.

«A adopção de tal medida — diz a mesma Inspeção — tornou-se indispensável dado o número elevado de inscritos (40), que não têm manifestado qualquer actividade, mercê de várias circunstâncias.»

E, assim, a admissão de novos produtores só se realizará «depois de rigorosamente cumpridas as disposições regulamentares que obrigam a organização de processo tendente a inquirir da idoneidade do requerente e a assegurar por meio de garantia a viabilidade da empresa.»

Aplaudimos, calorosamente, esta resolução da Inspeção dos Espectáculos, que reputamos a primeira medida, séria e eficaz, tendente a disciplinar a produção. Se algum reparo temos a fazer-lhe é apenas este — que só agora se hajam estabelecido laes precetos morigeradores.

Com effeito, até há pouco, a inscrição de produtores era feita sem formalidades especiais. Qualquer pessoa podia reinvidicar para si, com sanção official, este titulo simultaneamente deslumbrante, pela aura de grandeza, e aterrador, pelo péso de responsabilidades — «produtor cinematográfico». A inscrição era mais simples que a de conviva para banquete de homenagem...

Não conhecemos ainda, em pormenor, quais são as formalidades a que, de futuro, se terão de sujeitar os produtores que pretendam inscrever-se como tal. Ignoramos qual a amplitude do «processo tendente a inquirir da idoneidade do requerente. Idoneidade moral? Idoneidade commercial? Idoneidade artistica e cinematográfica? Seja como fór, a resolução da Inspeção dos Espectáculos trará, por certo, à industria cinematográfica um pouco de ordem e de disciplina. E uma vez que se exijam garantias da viabilidade da empresa, acabarão de vez os filmes que ficam em meio por falta de capital e aquêles que andam, de mão em mão, à espera de que surja um Meeenas ou um usuário que dê ao produtor as possibilidades materiais para concluir um empreendimento para o qual não tinha a menor das capacidades que se lhe pode exigir — a financeira.

Há nada menos do que quarenta produtores inscritos officialmente — diz-nos a Inspeção dos Espectáculos. Na sua quasi totalidade — produtores improdutivos. E para arriscar esta afirmação não é preciso pensar demasiadamente, basta lançar uma vista de olhos para o passado.

Temos a impressão de que esta medida há-de reflectir-se benéficamente na industria cinematográfica nacional. Se puder ser levada a cabo, dentro de linhas gerais com que nos é annunciada, acabará, pelo menos, com as aventuras e com os «volframistas» do cinema. Estes ficarão sabendo, de futuro, que não lhes basta audácia e confiança nas habilidades próprias para levar a sua empresa até ao fim. Porque se a Inspeção não lhes exigir habilitações e responsabilidades profissionais exigirá, pelo menos, para garantia do bom nome da industria, que disponham da primeira matéria-prima do Cinema — o dinheiro bastante para que possam honrar os compromissos inerentes ao próprio titulo de produtor.

FERNANDO FRAGOSO

«Gostaria de interpretar um papel em que fôsse simultaneamente meiga e má!»

disse-nos AIDA ULTZ que vai desempenhar na «Menina da Rádio» o papel primitivamente designado para MARIA DA GRAÇA

ENTRE tôdas as revelações de «João Raíões», Aida Ultz não foi certamente das menores. A sua «Frou-Frou» espantosa e enredadeira, ficou como a afirmação magnifica de uma artista e de uma personalidade. E não podia encontrar-se prova mais difficil e por isso mesmo mais convincente. Porque a «Frou-Frou» do cinema era tão convencional como ridicula, e poucas artistas conseguiram dar-nos, num papelinho sem pés nem cabeça, uma interpretação equilibrada e assinalável. Quando o filme se apresentou, o público e a critica apontaram Aida Ultz como um elemento com que o cinema português deveria contar. Mas as contingencias da industria, por um lado, e o afastamento voluntário da vedeta, por outro — originaram êste longo interregno. O cinema português, porém, não a esqueceu. Os produtores de «Ave de Arribações» foram bater-lhe à porta. Mas Aida Ultz, encerrada na gaiola doirada de uma ilusão, recusou. E quando Artur Duarte lhe fez agora o convite para tomar na «Menina da Rádio» o papel primitivamente designado para Maria da Graça, aceitou com entusiasmo a possibilidade que lhe ofereciam de regressar aos estúdios.

— Está contente?
— Estou! Vou fazer, mais uma vez, uma intriguista. No «João Raíões», armei ao pobre Óscar de Lenos um sarilho de tal ordem, que ficou contra êle uma aldeia inteira — e a própria noiva! Agora, volto a transtornar-lhe os planos amorosos... E o mais curioso é que, tanto num caso como noutro, sou apenas o instrumento de vinganças de outros...

Está então predestinada a ser a sombra negra dos amadorados...

Aida Ultz confessa:
— Tal qual como lhe disse! O mais curioso é que eu sou terivelmente sentimental! E custa-me ser tão diabolicamente má...

— Quem a ouvir falar, dirá que não se importaria de ser apenas um «bocadinho má»...

—...Talvez!... O meu sonho, no ci-

nema, era interpretar um papel em que tivesse que ser simultaneamente meiga... e má!

Aida Ultz sorri, com os seus olhos muito claros. Procuramos deslindar se haveria nêles alguma sombra profunda... Parecem-nos, pelo contrario, transparentes como um cristal. Fazemos-lhe notar a contradição. Mas ella insiste, convencida:

— Desconfie das aparências!... Por ter o jeito de sorrir, consideram-me uma rapariga alegre. E, afinal, sou mais triste do que um dia sem sol...

Há na maneira de ser de Aida Ultz qualquer coisa de fatalista e de dolente. A sua imagem e a sua voz evocam-nos coqueiros, guitarras hawaianas, grinaldas de flores, praias doiradas em noites luarentas... E, no entanto, ella não nasceu nas ilhas encantadas do Pacifico, mas em Lourenço Marques, ao calor do sol dos Trópicos. Nas suas veias, porém, corre sangue eslavo. E encontramos assim, o segredo da sua personalidade. Aida Ultz tem o sabor estranho e capitoso de um cocktail.

Agora está contente. Dentro de algumas semanas, regressa ao Teatro, após o exílio forçado a que se votou... E, daqui a dias, começará a trabalhar no estúdio do Lumiar.

— Prefiro o Cinema ao Teatro. Se tivesse que optar entre os dois, não hesitaria!

Aida Ultz mostra-nos as fotografias que tirou na Madeira. Em pleno mês de Novembro, umas férias à beira-mar.

— Se o Paraíso existe na terra — é ali...

...Com Adão e Eva em fato de banho!

Mais uma pergunta, para terminar:

— Qual é a sua maior ambição no momento presente?

Aida Ultz responde com o ar mais natural dêste mundo:
— Arranjar uma criada! A minha despediu-se ontem!...

E com esta declaração illudiu a curiosidade do «repórter» — e dos leitores.

LEVANTANDO A PONTA DO VÉU...

O QUE VAI PASSAR-SE NOS PRIMEIROS DIAS DE FILMAGEM DA «MENINA DA RÁDIO»

DESTA vez, é a sério! Começam, amanhã, as filmagens da «Menina da Rádio». Iniciam-se, logicamente, pela gravação das canções. Canta a Maria Eugénia! Canta o Curado Ribeiro! Canta a Teresa Casal! Cantam ainda o Óscar e algumas das mais populares vedetas da Rádio. O filme, que é uma cantiga pegada — sete canções, fora as que não vale a pena contar — fica, dêste modo, sob o signo da musica que os mestros António Melo, Jaime Mendes e Fernando Carvalho compuseram, e que nos dizem ser digna dos nomes que a subscrevem.

No Lumiar vai uma zafama enorme! Quando ali entrámos, supusémos-nos, por instantes, no Chiado, na casa Sasseti, a escolher músicas. E que o popular estabelecimento foi reconstituído, para effeitos de uma cena em que o herói da fita, o «namorado da Maria Eugénia, vai propor a edição de uma canção da sua autoria... Logo ali ao pé — na fita as duas casas estão realmente muito distantes — pode ver-se a «Bijou da Estrêla», a pastelaria mais musical de Lisboa, e que tem como proprietario o António Silva! Em frente, um pouco desviado para a esquerda, fica o armazém de «secos e molhados», da D. Rosa, sua inimiga fígadal, e que não é outra senão a Maria Matos...

A pastelaria liga com o primeiro andar, graças a uma escada de caracol. É lá em cima que a Maria Eugénia tem um piano, onde o «noivo» costuma vir tocar. Ali cantam em

dueto, excepto quando apanham a Maria Olguium a dormir, sobre o «crockchet». Porque então começam a arru-lhar!... E num destas occasiões, ao pé da janela, que acontece a catastrophe do doce de ginja...

Tem graça! Lá está em baixo a rua, onde o Fernando Ribeiro passa a caminho da Emissora. Mal saberia êle o que o esperava... Além da Teresa Casal, bem entendido!... Porque esta não o deixa pôr pé em ramo verde — e lá tem as suas razões!

Prosequindo na visita, vamos encontrar a «maquette» da Academia Recreativa... Sim senhor! Que ambiente solene! Ao fundo um palco, e ao meio a mesa das sessões! Diz-nos um carpinteiro, que está a dar os últimos retoques nos cenários, que o Artur Duarte recomendou que a mesa fôsse bastante forte, pois à volta della vai travar-se acalorada discussão... «Se calhar, por causa dos partidos dos sócios, nas eleições», aventámos! Mas parece que não! Ao que confidenciau o informador furtivo, a coisa é mais complicada. Trata-se de problemas de orientação e da eterna mania musical do presidente — o sr. António Silva, pasteleiro...

«Diz-me com quem andas — dir-te-ei as manhas que tens». Paraphraseando o rifão — mostra-me os cenários, e ficarei a saber alguma coisa da fita... Com effeito, através de meia dúzia de «decores», e duma rápida visita, ficámos a fazer uma idéia, embora muito pallida, do que vai passar-se nas primeiras semanas de filmagens da «Menina da Rádio».



As gémeas Wilde começaram, há pouco, a apparecer no cinema. Tão loiras como bonitas, duma elegância escultural, Lisboa vê-las-á, dentro em breve, não em carne e osso como os leitores desejariam, mas através das suas imagens, diáfanas e transparentes, projectadas sobre a tela branca. Os espanhóis, quando topam uma mulher bonita costumam dizer — e com razão: «Bendita sea tu madre». Mas pela nossa parte não sabemos francamente como distinguir, numa frase graciosa, igualmente a propósito, a mãe que deu ao mundo, quasi ao mesmo tempo, duas raparigas tão belas e atraentes.

«Que pensam os senhores?» — para nos servirmos da frase que costuma «errar os filmes da popular série de complementos do mesmo nome...

Os jogadores de futebol têm que saber ler e escrever.

UMA circular da Federação Portuguesa de Futebol, com data de 5 de Agosto de 1943, e com o número 194, determina que a partir de 1 de Janeiro do ano corrente, a Federação e as Associações só devem aceitar a inscrição em provas oficiais, de indivíduos que saibam ler e escrever.

Outra circular, de 10 do mês último relembra aos clubes filiados essa disposição.

A medida é sem dúvida de grande alcance social-desportivo. As noções de civismo, o respeito pelo semelhante, a facilidade de assimilação e o indispensável conhecimento de regras, leis e regulamentos, só podem tornar-se efectivas e práticas, desde que os indivíduos não sejam analfabetos.

Recrutados grande parte deles em camadas, onde, por circunstâncias que não interessam agora apurar, a educação e o civismo mal se enxergam, sofrem naturalmente desses defeitos, e não se lhes pode em boa verdade, pedir por palavras, mesmo admitindo que a persuasão seja um belo argumento, que corrija vícios de linguagem e absorvam dum trago, o cálice das boas maneiras e equilíbrio de atitudes. Também é impossível, fazê-los fixar as leis que regem a modalidade praticada, tendo junção do tempo e à força de verem executar e repetirem depois, e segundo o maior ou menor grau da inteligência de cada um, a sua aprendizagem. É um trabalho moroso, difícil e ingrato. Os treinadores ou instrutores cansam-se e esgotam ingloriamente a paciência, quando a tarefa se simplificaria se o pupilo fosse alguma coisa menos do que analfabeto.

Há pois que louvar a determinação federativa, pelo contributo que num futuro quasi imediato, trará à elevação das pugnas desportivas e quick ao aperfeiçoamento técnico do futebol.

Suportamos todavia, que, de momento, alguns clubes se sintam embaraçados com a exigência. Existe uma percentagem notável de futebolistas analfabetos e não será com um apressado voltar de páginas, que ficarão a saber ler.

Afigura-se-nos que poderia criar-se um período de transição, durante o qual os clubes tratariam como pudessem, num espaço de tempo que à lógica e o bom senso determinariam, — de satisfazer ao que lhes é indicado.

O estabelecimento de escolas dentro das colectividades seria uma medida acertada, e que de resto não é inédita, pois o Benfica e se bem nos recorda o Vitória de Setúbal, em tempos tiveram aulas, onde se ministrava a instrução primária, por elas passando, com visível aproveitamento, alguns nomes famosos do futebol português, um deles, infelizmente já desaparecido, o saudoso «Tamanqueiro»!

Do que não restam dúvidas, é que o caso é instante e reveste-se de certa complexidade.

Para a sua solução satisfatória, há que reunir ponderação, calma, e noção rasgada das necessidades — e das realidades!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

“Não perdi no remate nem qualidades atléticas!”

Palavras de VALADAS



...Das bancadas, o público levanta-se e quasi se projecta sobre o campo...

...É que a jogada desenrola-se na extrema esquerda e nela intervém Alfredo Valadas Mendes. Bola recebida, três, quatro passos, um «dribbling» e o remate parte como uma flecha... É um «goals», — ou então o «guarda-redes» estica-se todo, alonga-se e consegue desviar o esférico para canto ou colocá-lo em condições de ser jogado para longe, por um dos seus defesas!...

...És um quadro que há uma dúzia de anos se repete aos olhos do público aficionado, que milhares de fotografias consagraram — e que se sabe de cór. O pé esquerdo de Valadas teve fama, foi um espectro para os «guarda-redes», e todos os nacionais e bastantes estrangeiros lhe sentiriam a «dureza»!

Vindo do Luso, de Beja, para o Sporting, dois anos se conservou no grupo dos «leões». Durante esse período, Valadas era o primeiro marcador entre todos. Atraído pelo encarnado da camisola, transitou depois para o Benfica, atingindo então o seu apogeu. Havia um jogador, Vitor Silva, com quem Valadas sentia enorme prazer em jogar. Quem não recorda os magistrais pormenores de subtilidade e inteligência do avançado-centro olimpico, que num ápice, com uma simples finta, desorientava uma defesa por mais forte que fosse? Os extremos ficavam desmarcados e quando o «spasse», imediato, rápido e com a devida conta, era feito a Valadas, a baliza adversária expunha-se imediatamente a perigo certo. Jogadas que arrebatavam multidões e das quais se falava durante muito tempo, com a mesma «bárdade» com que agora as relembramos.

Há dez anos que Valadas enverga a camisola rubra. Na lista dos seus aproximados quatrocentos «goals», quantos decidiram campeonatos, quantos ajudaram a levar para a Sala dos Troféus do Benfica, algumas das mais belas taças, que são outros títulos de glória do popular clube?

Hoje, Valadas faz menos tentos e tem trinta e um anos. É preciso combater a ideia de que um desportista, dobrada a casa dos trinta é um velho ou entrou a declinar, com muitos cépticos, lunáticos e ignorantes, pretendem. As características do jogo evoluíram. Os extremos são talvez menos solicitados ao remate final, — e se não, veja-se a tabela dos marcadores do actual campeonato — pede-se-lhes outra sequência de jogadas.

O público que elege e destrona um ídolo com espantosa facilidade, esquece tudo isso. Se o jogador não mantém uniforme o rendimento a que acostumou o «seu» público, cai em desgraça, desce na consideração dos que ontem o exaltavam e o punham nos ombros, em arroubos de louca satisfação. A vida, afinal, em toda a sua crueza!...

É quasi o caso de Valadas. Ora ele não está velho. Quando muito, estará «usado», o que é diferente. Mas ainda é um grande jogador. Sabe, e como pouco, vibrar com os êxitos e desaires do seu grupo. Há uma certa «descresça» por ele, actualmente, na massa associativa do Benfica. O popular jogador o reconhece!

— Dizem que estou velho, que preciso reforma, que perdi o remate e qualidades atléticas. A verdade é

que eu não sinto nada disso e prezo-me de ser consciente e conhecer-me. As minhas condições físicas são excelentes, abstraindo uma distensão muscular na perna esquerda, que sofri no prélio com o Olanhense. Tenho o meu fôlego de antigamente, estou seco e a correr mantenho a mesma facilidade. Em jogo, sou talvez menos servido, devido às características do meu «interior», mas isso não é culpa dele nem de ninguém; pertencerá ao seu sistema e ao seu temperamento.

E, depois de uma pausa: — Tenho colocado o treinador e os dirigentes do clube perfeitamente à-vontade, para me substituírem quando acharem conveniente, com a certeza de que seja na categoria principal, seja na «reserva», não regressarei nunca o meu esforço pelo Benfica. Estou sempre pronto para a chamada e deixo que lhe diga que os «grandes momentos» empolgam-me e dão-me uma alma especial — a alma do Benfica nas ocasiões decisivas!

— Não pensa então retirar-se? — Não. O Benfica ganhou o Campeonato Nacional, conquistando definitivamente a Taça, abandonando esta época. De contrário, veríamos... Eu não estou velho nem cansado, e é possível que ainda seja útil ao meu clube, em qualquer categoria. Note, que não quero ser um «travão» para os novos e que considero indispensáveis as renovações.

Assim falou Alfredo Valadas, o homem que tendo marcado tantos «goals», um tem que destacar no cenheiro das suas recordações: o marcado à Seleção da Iugoslávia, no Estádio do Lusitão, no dia da sua estreia como internacional — que foi o 2.º tento dos portugueses!...

DAQUI E DALI

O jantar — o vocábulo «banquetes», pela força das circunstâncias, está a cair em desuso. — comemoratório do 52.º aniversário do Clube Naval de Lisboa, transformou-se numa significativa demonstração de unidade clubista. Em poucas palavras, recordou-se o passado da colectividade, o produto da sua fecunda actividade em meio século de existência. Uma frase de um «navalista»: «Somos um clube com personalidade!».

Nada mais certo, justo e consistente.

Vai realizar-se o Congresso da Federação Portuguesa de «Box». Talvez esteja encontrada a explicação para o silêncio dos organizadores de sessões.

É naturalíssimo aguardar que, com Federação nova, se comece vida nova!...

Pode considerar-se fundada a Associação de Luta de Lisboa, o que significa voltar a ter vida um desporto dos mais completos e úteis.

Beneficença influencia do art. 21.º, e seus parágrafos n.º 1 e 3, do Decreto-Lei 32.241, de 5 de Setembro de 1942!...

Uma inconfindência que não é descabida nesta secção: o tesoureiro do Atlético já tem um livro de cheques!...

Parabéns ao Carmo Miguel!...

Estamos no mês destinado ao primeiro Lisboa-Sevilha. Estranhámos que tão pouco se fale do jogo. Estará a sua realização comprometida?...

Principiaram os campeonatos regionais de «basket-balls».

Lá diz o adágio: «mais vale tarde que nunca».

SUIÇA-HUNGRIA EM ATLETISMO

Magnífico e emocionante «sprints», na corrida dos 800 metros, na partida internacional entre as duas nações, e que terminou pela vitória da Hungria. Esta corrida foi ganha pelo suíço Volkmer (à direita) em 1 minuto, 53 s. e 2/10, um dos melhores «tempo» suíços, sem contudo bater o famoso «record» do dr. Paul Martin.



ACTUALIDADE

Carta a um jornalista do meu tempo

PONDEREI, meu caro amigo, as suas palavras e recolhi delas ensinamentos, sugestões que pela sua experiência da profissão, porventura farão bem aos mais jovens do que V., e que são, em boa verdade, quasi todos os que têm a minha idade. Com efeito, as suas palavras são curiosas, cheias de boa intenção e austero propósito de dignificar a classe. Mas eu acho que todas as suas sugestões partem de um princípio errado. E esse princípio opõe-se a que o jornalismo seja a consequência de um curso, a profissão obtida à custa de um diploma. Claro, V. vai objectar-me que os jornalistas não serão menos jornalistas com um curso — do mesmo modo que o actor que passou pelo Conservatório ou o pintor que passou pelas Belas Artes não é menos artista do que os outros que nunca lá puseram os pés. V. aqui talvez tenha razão — mas eu fico-me na minha, menos por espirito de contradição do que por me sentir apoiada na verdade. E eu lhe digo os por quês: primeiro, porque tudo me leva a crer que um diploma não é garantia de competência; depois, porque a incompetência nem sempre tem raízes na falta de um diploma. Nasce-se jornalista, como se nasce poeta ou romancista. E veja agora, meu amigo, como seria ridículo impor uma escola de poesia ou de romance! Sim, só poder escrever versos ou romances quem tivesse adquirido bagagem para tal, na escola disto ou daquilo!

Não, não concordo com essa ideia da escola de jornalismo. A bagagem de que nós precisamos, para sermos «bons jornalistas», adquire-se, pela prática, nas redacções, no treino da reportagem, geral ou especializada. E, senão, veja, por exemplo, se um economista é capaz de escrever uma crónica da sua especialidade, que interesse ao grande público. Ele faz um trabalho perfeito de técnica económica, sem dúvida. Simplesmente, falta-lhe a técnica e o sentido jornalísticos — porque estes pertencem aos jornalistas. Se V., sim, defender o princípio da especialização, para aqueles que não forem capazes de tocar várias teclas do mesmo órgão — de acórdio, meu amigo, porque a especialização é de algum modo sinónimo de competência e consciência. Mas isso é muito diferente de um banco escolar, onde podem — como agora, afinal — ir parar muitos sujeitos que querem ser jornalistas e apenas dar-lhe em regulares sapateiros...

Desculpe-me a desenvoltura da expressão, mas eu creio que os problemas se resolvem com palavras e não com símbolos apenas. Por isso insisto em dizer que repudio em absoluto a ideia de uma escola para jornalistas. Já não direi o mesmo, se me sugerir que as empresas só deveriam admitir jornalistas que soubessem ler e escrever — não obstante eu ser de opinião de que, só com um bom sentido, dom ou condão jornalístico, também se pode fazer ótimo jornalismo, porque lá estão o chefe da redacção e o revisor para emendar os erros de gramática... É claro que sou contra este critério como princípio. Mas admitto-o, em absoluto, como excepção — mesmo porque se sabe que temos e tivemos grandes jornalistas verdadeiramente alheios a bancos escolásticos.

Bem sei, bem sei — não objecte que eu sou pelo progresso, pela revolução de processos de educação e cultura. Mas, sempre lhe quero dizer que não admito as escolas como impostoras de dogmas e processos de conduta; que não admito o homem e as acções reduzidos a esquemas e feitos por medida ou em manequim. Porque aperfeiçoar a natureza humana não é impedir os que não passaram pela fôrma, de gozar de um direito que o seu instinto lhe grita.

A menos que V. admita a possibilidade de um rapaz de vinte e tantos anos, que acaba de se descobrir ou é descoberto jornalista, se matricule numa escola, na esperança de um diploma, de calção e bíbe de riscado. Mas, então, com essa idade e com os possíveis encargos de família que terá adquirido — só se lhe derem pensão ou, à falta, ama de leite, para elle e para os seus...

Desengane-se, meu amigo: não se tira o curso de jornalista, como se tira o de electrotécnico. Porque, se isso se fizesse — o jornalismo passaria a ter muita técnica e pouca arte!

MANUELA AZEVEDO

FALA-SE ESTA SEMANA

ANTÓNIO PEDRO



O seu talento — tantas vezes incompreendido, porque as fórmulas novas nem sempre se abrem à compreensão das turbas — fez de António Pedro uma figura marcante nas letras e nas artes. Agora, o autor de «Apenas uma narrativa» partiu para Londres. Mas, alonjando-se da nossa vista — aproxima-se-nos dos ouvidos, da sensibilidade e da inteligência, porque António Pedro — como José Castello, outro valor dos nossos meios artísticos — vai ser locutor da B. B. C.

CARLOS FERRÃO



«A Conferência de Moscovo» que Carlos Ferrão, nosso prezado colaborador e amigo, acaba de publicar, editado pela Parceria António Maria Pereira é um livro excelente de argúcia e de interpretação, que só não pode chamar-se confirmação das qualidades do seu autor, porque Carlos Ferrão de há muito tem os seus créditos firmados entre o público e a crítica. De qualquer modo, ou talvez porque esse crédito é o melhor penhor do escrúpulo com que o seu autor trabalha as ideias e os factos à volta dos problemas internacionais — «A Conferência de Moscovo» ficará como um sólido documento desta guerra.

AQUILINO RIBEIRO



O mestre da prosa, do estilo e da construção do romance deu-nos mais um vigoroso trabalho: «Volfrâmio» — uma obra que não vale só pela actualidade, mas, principalmente, pela eternidade dos conceitos humanos de que se veste. De facto, o último romance de Mestre Aquilino, que vive de uma febre de cobiça, não é só notável pela flagráncia do tema. E, principalmente, um modelo de observação, em que o artista, o repórter, o sociólogo e o pensador têm intervenções por conta, peso e medida, dentro das proporções que a sábia experiência do autor lhe soube dar.

«São Macário» desceu o rio!

A indústria naval portuguesa, tão velha de tradições, pois que fomos marinheiros e descobridores de mares desconhecidos, mantêm créditos na nossa marinha mercante. Há dias, o sr. Presidente da República, com alguns membros do Governo e altas individualidades, procederam ao lançamento à água do «S. Macário», de 1.100 toneladas. O gracioso navio, modesto de dimensões, representa, entretanto, um expoente de trabalho para milhares de operários. A Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes propõe-se, de resto, manter em accleramento a construção de outros navios que, como o «S. Macário», descerão um dia o rio e enriquecerão o lar dos pobres e a economia nacional.

O VALOR DAS PALAVRAS

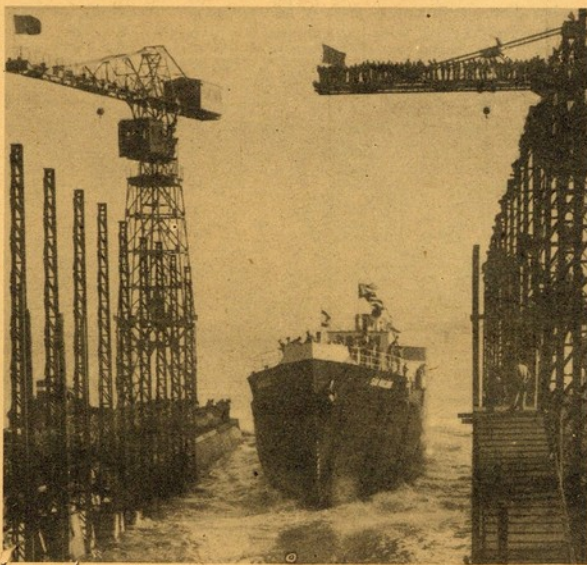
O nosso sol, que escalda e faz brilhar as coisas de uma luz mais intensa, é que deve ser o culpado desta tendência natural para o exagero. Há mesmo um certo número de palavras que perdem, entre nós, o prestígio do seu significado. Nos jornais, nas cartas de apresentação ou de agradecimentos, nos envelopes com Ex.^{ma} e Ill.^{mas} — o exagero para incensar valores medíocres e erguê-los na aura popular tão desprezada pelas reais competências, atinge entre nós carácter de grave psicose. E a tal ponto somos cegos no nosso elogio e no nosso incondicionalismo que bastas vezes calmos no ridículo e — pior que isso — na injustiça.

A forja dessas injustiças, quasi sempre, é a imprensa — somos nós, todos, digamo-lo num acto de contrição pública — sempre prontos a dar às acções dos outros um valor e um significado injustos, pelo excesso de altitude. A verdade, porém, é que sendo quasi sempre um reflexo do nosso espirito passa-culpas — essa injustiça nem por isso fere ou prejudica menos do que se nascesse de uma consciência maldosa.

Sem sombra de acinte, sem desejo de trazer para o plano das concretizações uma expressão do nosso carácter meridional — de braços abertos e elogios prontos para o primeiro que nos apareça a convencer-nos do seu valor — a verdade é que, ainda não há muito, dois factos ocorridos serviriam para ilustrar este apanhado de comentários. Dois homens morreram em Lisboa, com pequena diferença de dias. E, enquanto um, cujo nome canalizado pelas tubas da fama era elogiado em termos que só um verdadeiro génio criador mereceria — o outro, sem dúvida autor de uma sólida obra que tem relêvo, dentro do plano mental e intelectual em que foi desenvolvida — mereceu pouco mais do que a notícia biográfica nos jornais.

A flagráncia dolorosa dos factos pode ter passado despercebida e pode mesmo representar uma injustiça relativa, para aqueles que a motivaram. Mas a nós não nos interessa, fundamentalmente, o registo dos factos. As razões, as razões, sim, porque as coisas acontecem — essas é que nos podem levar a fixar nos factos a atenção: São elas que realmente nos apontam os erros e defeitos de uma educação feita de extremismos, à margem do raciocínio e dentro de uma especulação sentimental ou simplesmente emotiva que algumas vezes nos tem levado a passos precipitados de que depois nos arrependemos.

Mesmo sem querermos usar de um «refrain» a que o momento imprimiu particular intenção, podemos finalizar este artigo, acrescentando que é tempo de se acabar com istos. O passado de cada um de nós diz-nos que certas excessividades sempre contribuíram para o agravamento da nossa situação. O mal tem, portanto, muito maiores consequências, se o excesso do elogio vai atingir terceiros pessoas alcançadas aos pincelares da fama. Porque, quanto mais alto collocarmos os valores nulos — maior é o trambulhão de cedo ou tarde. E se não somos nós ou os da nossa época a desalcançá-los — lá está o tempo que não perdôa. Só passa a posteridade quem realmente tem valor e não quem nós incensamos com a nossa gentileza ou ignorância!





MARTINS Correia é, entre os modernos escultores, um nome de prestígio. Professor da Escola António Arroio, em várias exposições tem ganho prémios que podem atestar o seu valor. Vencedor do Prémio Soares dos Reis, com medalhas da Sociedade de Belas Artes, alcançou também, no Rio de Janeiro, uma menção honrosa — e, recentemente, atribuíram-lhe o prémio Manuel Pereira, pelo melhor conjunto de obras apresentadas no S. P. N.

— É muito difícil — começa ele por nos dizer — falar sobre assuntos de arte, porque levados na melhor das intenções somos quasi sempre incompreendidos. As palavras nunca podem exprimir com clareza os sentimentos vivos do coração e da virtude, que a arte encerra. Sendo assim permita-me que fale dos outros, começando e acabando nos filósofos que tanto se juntam à minha modesta profissão de escultor. De Platão depende também a Moral. Para ele, sendo o Belo idêntico ao Bom e à Verdade o fim da arte deve ser a expressão do Bem e da Verdade pelo Belo.

— Nesse caso...
E Martins Correia, com vivacidade: — A moral resulta de actos de virtude realizados pela vontade livre e esclarecida — e a virtude é uma actividade

O que pensa Martins Correia da escultura em Portugal

da alma que nos conduz à Felicidade, ao destino da vida.

— E a arte contemporânea?

— Pelo entusiasmo que reina em todo o mundo nacional e universalista, a arte deverá encontrar numa expressão, adentro das suas fronteiras, o universalismo desejado — tal qual como no caso de um português de carácter saber falar diversos idiomas. Buscando o espírito de todas as formas, encontramos a solução de nos compreendermos e sermos compreendidos, ainda que o meu mestre diga — e muito bem — que a todo esse espírito novo da forma não seja falhada a construção.

— E da geração presente?

Martins Correia, com entusiasmo, tem logo a resposta pronta:

— Creio na minha geração como todos. Somos uma família de artistas que desejamos ardentemente um bairro, com as respectivas oficinas amplas e luminosas onde possamos trabalhar. É preciso fazer ver ao mundo que as obras dos portugueses também encerram idéias que, de alguma maneira, contribuem para o ressurgimento de formas colectivas. Vai sendo urgente este problema — e necessitamos imenso de vê-lo resolvido.

— E os seus prémios?

— Dá-me um certo orgulho, falar nêles. Mas os resultados mais evidentes e duradouros só se podem colher com trabalho para executar. É disso que necessitamos; de trabalhos, muitos trabalhos onde possamos pôr à prova os nossos recursos.

"MAYONESE DE LAGOSTA"

A propósito da crónica do nosso prezado colaborador, sr. dr. José Ribeiro dos Santos, intitulada «Mayonesa de Lagosta», o sr. dr. Alfredo Pimenta envia-nos o esclarecimento que se segue e que não temos dúvidas em publicar, dizendo-nos o sr. dr. José Ribeiro dos Santos, a quem mostrámos a resposta presente, que nada tem a acrescentar à sua crónica anterior.

Sr. Director da «Vida Mundial Ilustrada»: — Rogo a V. Ex.^a a bondade de me conceder um pequeno espaço no seu semanário, para eu anotar o artigo do seu colaborador sr. dr. José Ribeiro dos Santos, publicado na secção «Actualidades».

É que da sua leitura me ficou a impressão de que o sr. dr. José Ribeiro dos Santos me quis culpar de pretender dar-me como descobridor do delírio, distração ou irreflexão do prof. David Lopes, quando citei a expressão «nuvens de lagostas» por ele empregada.

Ora o meu artiguinho editado pelo «Diário de Notícias» disse, logo de entrada, que tal expressão «provocou gritos de espanto».

Na ocasião em que apareceu na «Biblos» o estudo de David Lopes, muita gente me falou no caso. Reparar eu nêle, e creio que não era possível que a expressão escapasse fosse a quem fosse.

Se o primeiro a assinalar, em público, o facto foi o falecido Ferreira de Serpa, não sei — porque ainda agora desconheço onde e quando o fez.

Davamos-nos bem — o velho investigador e eu, até o dia em que, publicamente, discordei da sua fantástica identificação de Cristóvão Colon.

As «nuvens de lagostas» são anteriores ou posteriores a esse momento?

Se peguei, ultimamente, no assunto, foi para apresentar aos doutos, fundado no texto de Fr. Bernardo de Brito que, até agora, ninguém, nem críticos nem lexicógrafos, focara o problema: quando foi que na lingua portuguesa se deu a confusão da «lagosta» (marisco) com a «lagosta» (insecto)?

Fr. Bernardo de Brito, no séc. XVII, escreveu como vimos. Mas no séc. XIV já a palavra gafanhoto andava na nossa lingua, como se pode ver na tradução do Velho Testamento que está no segundo volume da «Colecção de Inéditos portugueses dos séculos XIV e XV», a pág. 104 e 150.

O autor da «Crónica de Clister» é um dos melhores clássicos portugueses. Alguma razão havia de ter para escrever como escreveu. Mais uma vez se verifica a falta enorme que nos faz um Dicionário histórico da lingua portuguesa.

De V. Ex.^a muito af.^o e obgd.^o — ALFREDO PIMENTA.

NOTAS RÁPIDAS



Foi uma linda festa, aquela que se celebrou na Fábrica de Sacavém, para assinalar a passagem do 100.^o serão cultural, promovido pela Emissora Nacional. O sr. Presidente da República, com elementos da Casa Militar, esteve presente e aproveitou a oportunidade para condecorar dois operários e uma operária daquela fábrica. A cerimónia, por ser simples, não foi menos expressiva.



O sr. ministro da Justiça esteve presente e discursou na cerimónia inaugural do novo ano judiciário, no Supremo Tribunal de Justiça. Os discursos que então se proferiram tiveram particular significado, não só pela alta categoria de quem falou mas também porque na hora em que vivemos cada palavra se reveste de novo simbolismo.

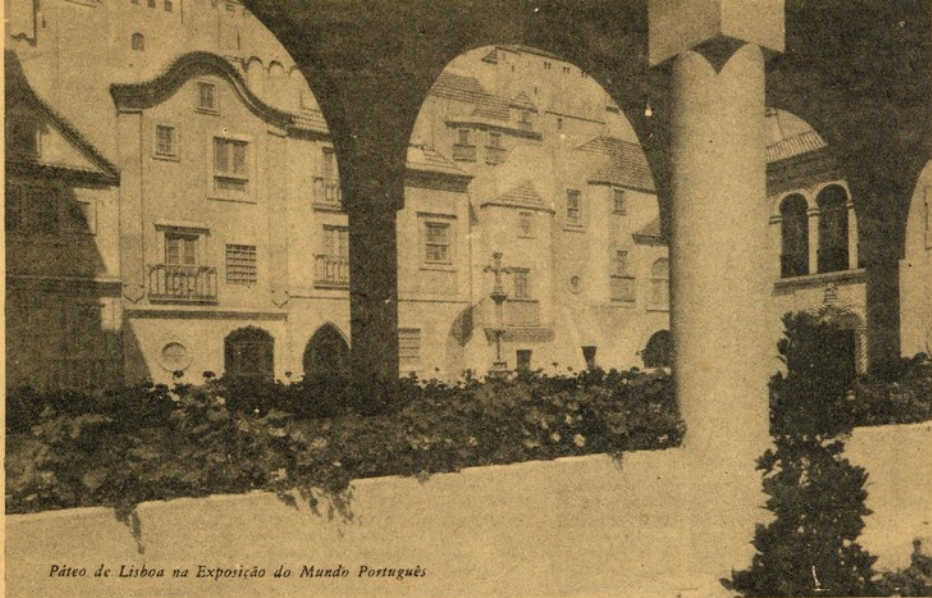


Mais duas exposições se inauguraram com o findar do mês passado. Ambas atestam escolas diferentes mas uma idêntica aspiração de renascimento. A exposição de óleos de Dias Sanches efectuou-se na S. N. B. A. e teve a presença do Chefe do Estado, no acto inaugural.

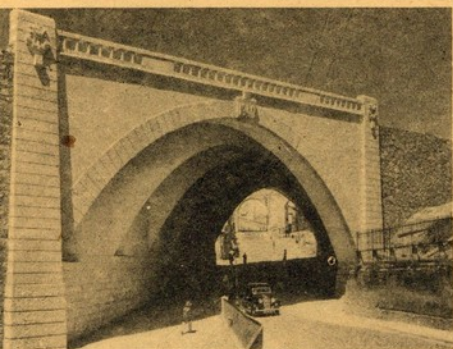


O curso jurídico de 1933-1938 reüniu-se para recordar bons tempos de estudantes e confraternizar num prolongamento de camaradagem que os anos não apagam. Assistiram a uma cerimónia religiosa, ouviram a lição de um dos seus antigos mestres — o prof. dr. Fernando Emídio da Silva e, por fim, reiníram-se num banquete a que não faltaram boa disposição e o melhor bom-humor.

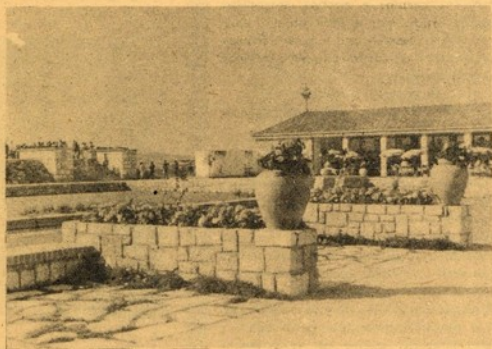
LISBOA, CAPITAL DÀ EUROPA!



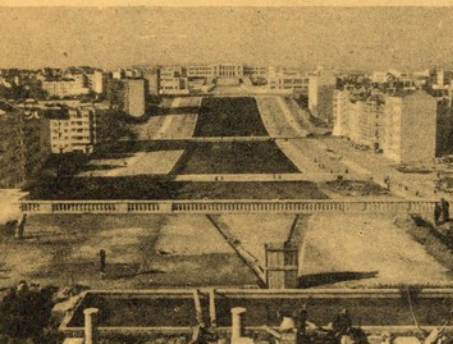
Pátio de Lisboa na Exposição do Mundo Português



Viaduto da Rua do Arco do Carvalho

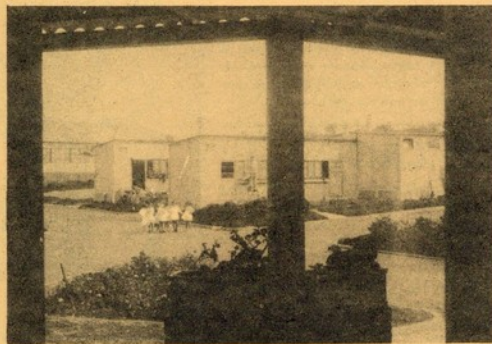
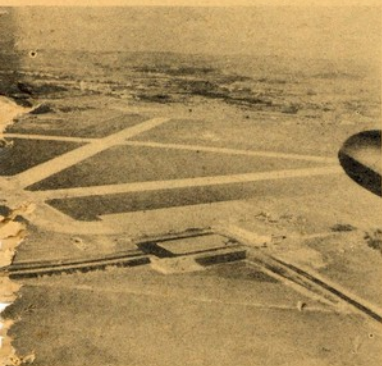


Casa de Chá no Parque Florestal do Monsanto



Alameda D. Afonso Henriques

Vista aérea do Aeroporto



Aspectos do Bairro de Casas Desmontáveis da Quinta da Calçada

Um recanto do Jardim da Estréla, depois de reconstruído



POUCAS vezes Lisboa terá vivido um período de tão completo e marcante progresso, como este que nasceu em 1938 e que se projecta até aos nossos dias.

Iniciada pelo Eng. Duarte Pacheco, e depois inteligentemente continuado pelo sr. Eng. Eduardo Rodrigues de Carvalho, a nossa primeira cidade— a que hoje podemos chamar capital da Europa — tem sob todos os aspectos, sentido uma acção a todos os títulos benemérita e digna de aplausos de todos os lisboetas.

É difícil saber em que aspecto a capital pode ufanar-se da sua administração municipal. Destaquemos, entretanto, porque, de facto, merece especial registo, a urbanização da cidade; a emancipação do aeroporto e das saídas de Lisboa; a construção da Fábrica de Gás da Matinha, do mercado de Arroios e de diversos bairros de casas económicas; o impulso dado à construção civil; a abertura de novos bairros e artérias; a criação de alguns jardins e reforma dos existentes, e a realização de grandes obras de engenharia. Do ponto de vista cultural, regista-se e elogia-se a C. M. por causa da transferência do Museu da cidade para o Palácio da Mitra; e realização de dezenas de exposições; a manutenção de novas bibliotecas e a publicação da «Revista Municipal» e de algumas dezenas de volumes, da autoria dos mais reputados olisipógrafos.

Estamos, como se vê, em frente de uma obra da maior e mais completa renovação, tanto espiritual, como cultural, excelente contribuição para o renome da nossa cidade com categoria europeia — porque, de facto, podemos dizer, no meio do mundo em chamas: Lisboa, capital da Europa...

NOTAS DE GUERRA



Os elementos responsáveis do Governo da Polónia, estabelecido em Londres, estudam as novas fronteiras sugeridas por Moscovo. Debruçados sobre o mapa que representa a «linha Curzon», vemos no primeiro plano, a partir da esquerda para a direita: coronel Stanislaw Szurlej, chefe dos Serviços de Justiça militar; general Stanislaw Karpinski, deputado e inspector geral da Força Aérea polaca. Atrás estão: maior-general Michel Miszke, ajudante de campo do General Sosnkowski; vice-almirante Jerzy Swirski; comandante de marinha, e tenente Witold Babinski, ajudante de campo do general Sosnkowski.



Esta é uma imagem da guerra: estas são as galerias da nova chancelaria de Berlim e, ao lado, a secretária do chanceler Hitler. As bombas da R. A. F. passaram também por lá e destruíram esse magnífico edifício, construído segundo o risco de um arquitecto que havia de ser um grande nome na política do Reich: o actual ministro da Produção de Guerra.



A luta entre os cérebros que inventam instrumentos de guerra e aqueles que têm por missão destruí-los é terrível, dentro de laboratórios e gabinetes de trabalho. A história das minas ainda um dia há-de ser contada, com os seus dramas e momentos sublimes. Agora, por exemplo, que o inimigo emprega uma nova mina a que os ingleses chamam «boobytraps», o 5.º exército adentra-se como a foto mostra. É preciso que os soldados, de noite e às escuras, saibam desarmar uma mina. De modo que se treinam assim por detrás de tapumes...



São estes os homens que aderiram ao movimento republicano fascista. Um destacamento de milícia está pronto para partir para um campo de treino donde, terminada a instrução, partirão para combater na frente de batalha, pela causa do Eixo.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GENERAL SPAATZ — Quando este general foi nomeado comandante supremo da força aérea aliada na África Setentrional — estava na Tunísia — as Nações Unidas receberam o penhor de uma eficaz contribuição, para o triunfo da sua causa. Carl Spaatz era o homem indicado para empresa de tamanha responsabilidade, a exigir energia, inteligência e decisões rápidas. Depois, quando tomou o comando das forças aéreas no Mediterrâneo, porque o avanço aliado progredia, em direcção à Europa, o general Spaatz voltou a confirmar as suas invulgares qualidades de chefe e de soldado. E, finalmente, quando foi transferido para a Grã-Bretanha, donde comanda os bombardeamentos americanos à Alemanha e aos países ocupados, esse homem demonstrou a rija tempera de que são feitos os norte-americanos, quando de facto resolvem responder à fureza da guerra com uma dureza que não lhe fica atrás.

I—EVOLUÇÃO

EMBORA por vezes seja motivo de controvérsia entre artistas, a verdade é que os filmes de Hollywood falam uma linguagem universal, desenvolvendo uma força fortemente comunicativa, ao serem exibidos nas telas dos cinemas de todo o mundo.

O cinema constitui uma das grandes indústrias dos Estados Unidos. Na sua produção investem-se capitais fabulosos. Os seus intérpretes recebem salários gigantescos, nunca igualados na vida comercial ou profissional. E, apesar disso, a despeito do seu comercialismo, Hollywood caminha a passos largos para atingir o grau supremo da arte, tendo já atingido progressos inacreditáveis no curto período de 20 anos. Desenvolvendo-se em conjunto, o cinema e a rádio provocaram uma verdadeira revolução na vida artística dos Estados Unidos e do mundo inteiro trazendo, a arte e a música até ao povo—sob uma forma facilmente assimilável.

O americano é, em regra, assíduo frequentador do cinema. Em média, eleva-se a 75.000.000 o número de pessoas que vão semanalmente às sessões dos 20.000 cinemas espalhados por todo o país, cujas categorias vão desde os confortáveis salões com lugares para muitos milhares de pessoas, até aos modestos cinemazinhos de província.

Voltemos os olhos para o ano de 1903. É nesse ano que o cinema na América inicia os seus primeiros passos. Os primeiros filmes eram exibidos por operadores ambulantes que, com a aparelhagem portátil, viajavam de terra em terra. Em 1905 inaugura-se a primeira sala destinada à exibição de filmes. A cidade merecedora dessa honra é Pittsburgh e a sala, um velho armazém remodelado. O exemplo frutífero, e em breve novas salas se inauguram, dando-se assim os primeiros passos a caminho do progresso.

Em breve, Hollywood torna-se um nome familiar de todo o país. Local de privilegiado clima e grande beleza natural, era ali que o cinema viria a alcançar o apogeu. As primeiras grandes estrelas e os primeiros grandes astros começam a tornar-se conhecidos. A publicidade, por seu turno, encarrega-se de elevar a indústria a fantásticas proporções.

Depois duma época difícil de começo, em que a popularidade do cinema este gravemente ameaçada, os filmes começaram a dirigir-se para um rápido aperfeiçoamento técnico. Contudo, a sua evolução artística não se manteve a par dos progressos técnicos, pois se sob os aspectos de fotografia, registo de som, encenação e guarda-roupa, Hollywood mantém indiscutivelmente a vanguarda, os filmes europeus excedem os americanos em poder emocional e excelência artística. Hollywood proporciona a ilusão do romance, da aventura, do idealismo, embora caminhe firmemente para o realismo, como se pode verificar pelos filmes «The Grapes of Wrath» e «Mrs. Minniver», plenos de sentido real.

Actualmente Hollywood produz filmes para todos os gostos—dramas e melodramas, comédias, filmes históricos e biográficos, sociais, policiais e de cow-boys. Uma torrente de comédias curtas, jornais de actualidades, desenhos animados e documentários desportivos, contribuem para suavizar os programas e divulgar informações várias. Certos documentários sobre assuntos vários de interesse cultural, produzidos por companhias comerciais e repartições do governo têm sido muito bem recebidos pelo público. Entre os mais notáveis, contam-se dois realizados para o governo americano, intitulados «The River», «The Plow that broke the Plains».

O valor educativo do cinema é hoje indiscutível. Várias pequenas companhias especializaram-se na realização de filmes educativos destinados ao mundo académico. Os cientistas recorrem ao cinema para uma infinidade de propósitos, como, por exemplo, os químicos, que podem estudar certas reacções, fotografadas por meio de microscópios e apresentadas ao retardador.

Esta tendência para os filmes educativos, encontrou, na guerra, um esplêndido campo de acção, para o treino das tropas e para a documentação de certas ocorrências. Filmes como a «Vitória do Deserto», produção britânica baseada na batalha de El Alamein e o «Prelude to art», alcançaram enorme sucesso entre o público americano.

A TÉCNICA DE HOLLYWOOD

Pelo menos, 70 por cento dos filmes mundiais são produzidos em Holly-

HISTORIA BREVE DO CINEMA AMERICANO

P O R I S A B E L R O S S

wood, para exibição nos Estados Unidos e em todos os países do mundo. Antes da guerra, produziram-se ali, anualmente mais de 500 filmes de grande metragem e 700 de curta metragem. Mais de 270.000 pessoas estão empregadas na indústria cinematográfica americana; 28.000 na produção, 8.000 na distribuição e as restantes nos numerosos cinemas espalhados por todo o país.

Se bem que o tempo normal de produção de um filme seja de oito semanas, filmes há, que levam dois anos a completar e até três—como aconteceu a «Branca de Neve e os Sete Anões», aquela obra prima de Walt Disney. Todos os estúdios constituem como que pequenas cidades, com as suas ruas, ladeadas de diversos edifícios—estúdios de filmagem, laboratórios, armazéns, carpintarias e oficinas. Antigamente, era costume os turistas visitarem estes «palácios encantados» mas hoje, em virtude de essas visitas impedirem o trabalho, apenas são consentidas sob condições muito especiais. Além disso, os artistas, em geral, não gostam de ser observados quando trabalham.

A criação de ilusão é-nos dada por certos processos pelos quais modelos miniaturas satisfazem uma grande variedade de propósitos. Para «fazer» um furacão, por exemplo, empregam-se grandes ventoinhas e chuveiros. As pedras são feitas de papel, madeira e cortiça; a neve, de gesso e flocos de aveia. E, por vários outros processos se simulam as coisas banais. Num armazém, guardam-se árvores e flores artificiais. Diga-se, de passagem, que um estúdio dispõe de malmequeres bastantes para cobrir uma enorme área e flores de macieira suficientes florir 28 árvores. Além disso, os estúdios possuem uma colecção de, pelo menos, 10.000 efeitos de som e o equipamento adequado para os produzir. Cerca de 80 por cento dos filmes são produzidos dentro dos estúdios, se bem que, por vezes se filmem autênticas paisagens naturais na ilha de Catalina—ou noutras ilhas próximas da costa.

Em «Branca de Neve e os Sete Anões» filme a todos os títulos notável, empregou-se um novo tipo de filmagem com o qual se conseguiu dar a ilusão de três dimensões aos 250.000 desenhos separados de que se fez o filme. Três anos depois, quando essa obra prima foi, finalmente apresentada, o público ficou deslumbrado com os seus maravilhosos efeitos de cor. Nunca se havia conseguido, num filme do género, apresentar efeitos tão reais da água corrente, das nuvens e do reflexo do sol. Walt Disney, o seu criador, é unanimemente considerado o artista que mais contribuiu para a perfeição dos desenhos animados. Iniciando-se com personagens como o rato Mickey, o pato Donald e os Três Porquinhos, que fazem ainda hoje as delícias de crianças e adultos, Walt Disney em breve se lançou a abordar certos temas de carácter mais humano, como os da «Branca de Neve», de «Dumbo» e de «Bambi».

SOM E COLORIDO

O som e o colorido vieram dar mais vida à arte cinematográfica, contribuindo para maior realismo dos filmes, perante os olhos do espectador. Com essa inovação, a música passou a desempenhar um importante papel na moderna produção cinematográfica quer sob a forma de canções compostas por mestres do género—Irving Berlin, Cole Porter e Jerome Kern—quer sob a forma de música clássica de compositores consagrados. Os chamados super-filmes

são quasi sempre acompanhados por partituras especiais, tradição que vem dos tempos de «O Despertar de uma Nação», a primeira obra clássica do cinema americano, baseada na guerra civil dos Estados Unidos.

Ultimamente, os livros de correspondentes de guerra têm sido muito empregados para argumento de filmes, muito do agrado do público. Contudo os grandes sucessos teatrais de Broadway não perderam o seu lugar, tanto mais que Broadway é verdadeiramente o centro onde Hollywood recruta o seu material, peças e actores, poucos dos quais resistiram à tentação de saltar para o mundo do cinema que, além de lhes proporcionar melhores salários, lhes dava maiores possibilidades de se tornarem conhecidas mundialmente. Muitos artistas, contudo, repartem a sua actividade entre o cinema e o teatro.

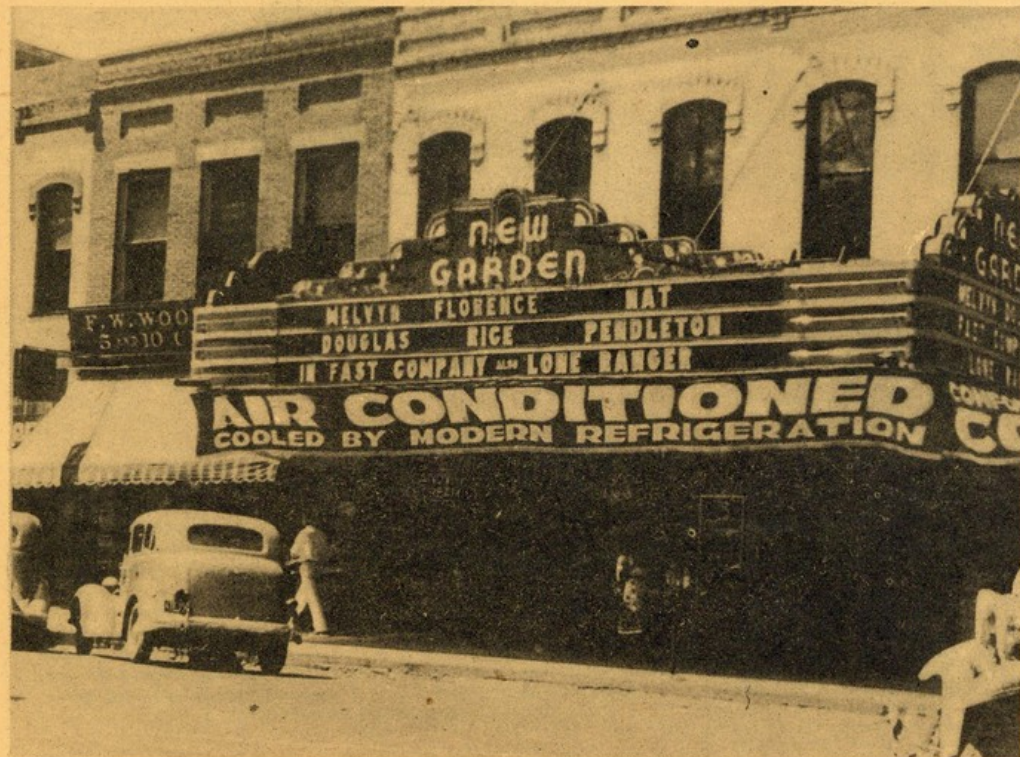
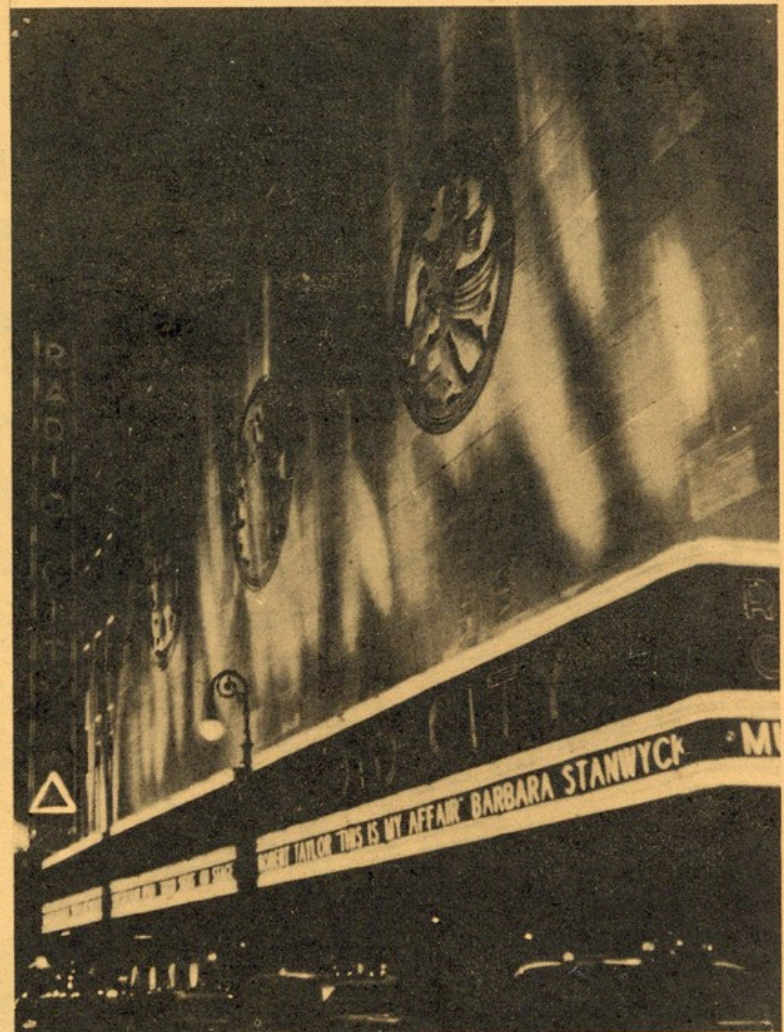
Grandes nomes de todas as artes se encontram hoje ligados ao cinema. Os maiores escritores escrevem os argumentos dos filmes. Eminentes compositores cuidam da parte musical. Grandes decoradores têm a seu cargo a preparação dos interiores. As realizações estão a cargo de nomes como John Ford, que, entre as suas notáveis obras, conta «O Denunciante», «Tormenta a Bordo», «The Grapes of Wrath», e «O Vale era Verde»; Frank Capra, o mestre da comédia ligeira de fundo social; Preston Sturges, realizador e argumentista, autor duma brilhante série de comédias-farsas; Orson Welles, o homem que, no desempenho e realização dos seus filmes, apresentou numerosas inovações, e muitos outros.

O cinema americano tem sido alvo da crítica de certos sectores, acusado de sensacionalismo, de realce do crime, ou de extravagância. Conhecedores destas acusações, os produtores têm procurado evitar cada vez mais a sua causa.

Contudo, nos últimos anos, têm-se produzido certos filmes de valor permanente e de elevado mérito artístico. Entre as obras premiadas pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, na época de 1942-43, contam-se «The Invaders», «Mrs. Minniver», «The Pied Piper», Random Harvest», «Sake Island» e «Yankee Doodle Dandy», as quais são todas baseadas na guerra actual.

Procurando bom material para aplicar ao cinema, Hollywood foi buscá-lo a certas obras clássicas do teatro, tais como «Orgulho e Preconceito», «Duas Cidades», e «Jane Eyre». Além disso filmou argumentos extraídos de obras notáveis da literatura contemporânea, como aconteceu a «Terra Bendita», de Pearl Buck, ao «Homem que vendeu a Alma», de Stephen Vincent Benet, e à «Revolta na Bounty», de Charles Nordhoff e James Norman Hall. Entre as famosas peças de teatro convertidas recentemente ao cinema, encontram-se «Os doidos divertem-se», «As Mãos e a Morte», «As duas Irmãs», «Wrath on the Rhine», «Não o levarás contigo», «Casamento escandaloso», e «Raposa Matreira».

A tendência de Hollywood, de retratar a vida americana, é demonstrada, por exemplo, por «O Idolo», obra baseada na vida do jogador americano de «base-ball», Lou Gehring, e pelos filmes da série da Família Hardy. Certos problemas sociais têm sido tratados com sinceridade, em filmes



1—Não há cidade nos Estados Unidos, por mais pequena que seja, que não disponha de um cinema. Eis um exemplo típico, que se encontra na cidade de Canton, Illinois.

2—O interior de Rádio City Music-hall, em Nova York, a maior de espectáculos do mundo, pois 6.200 pessoas podem ali tomar lugar sentadas. O edifício ocupa um quarto inteiro, em largura.

3—Aspecto nocturno da fachada de Rádio City Music-hall, onde se estream alguns dos maiores filmes produzidos na América.

4—Walt Disney, o homem que tão grandes triunfos obteve para o cinema americano.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

A ROTURA DA LINHA ESTALINE

A frente finlandesa constituía como que um sector à parte na grande linha de batalha que, ondulando através do território soviético, iria marcar a progressão dos exércitos alemães para a realização dos objectivos que lhe tinham sido assinalados. Essas características militares da luta na Finlândia reflectiam as características políticas de que se revestia a intervenção deste país na campanha da Rússia.

Nos últimos dias de Junho foram reveladas as primeiras notícias sobre tentativas de desembarque de contingentes finlandeses na região de Cronstadt. Essas tentativas, segundo podia depreender-se das referidas notícias, tinham sido mal sucedidas e os atacantes repellidos com perdas apreciáveis. Simultaneamente os

contingentes germano-finlandeses encarregados de conduzir a luta na região, e especialmente no istmo da Carélia, entravam em acção e realizavam, desde o início, progressos sensíveis. No istmo da Carélia e na região compreendida entre os lagos Ladoga e Onega os finlandeses, em colaboração estreita com tropas de «élite» alemãs, atacaram com êxito, esboçando uma ameaça séria contra a segurança de Leninegrado.

A partir dos primeiros dias de Julho, estas acções, conduzidas em território soviético nas margens do golfo da Finlândia, foram acompanhadas por acções locais de envergadura desencadeadas na zona da Carélia Oriental, território que era, de há muito, contestado pelos dois beligerantes.

Para o comando alemão a intervenção finlandesa revestia-se duma importância incontestável sob o ponto de vista militar, pois sob o ponto de vista político o governo de Helsínquia recusara-se, invariavelmente, a perfilhar os objectivos de guerra do Reich e a associar-se a uma guerra de conquistas territoriais que lhe faria correr imediatamente o risco de se indispôr com a sua própria opinião pública e, sobretudo, de suscitar a animosidade dos países anglo-saxónicos, com os quais a Finlândia tradicionalmente mantivera as melhores relações, desde que a sua independência fôra recuperada e reconhecidos os seus direitos de nação livre e independente.

NOS PRIMEIROS DIAS DE JULHO

Nos primeiros dias de Julho verificava-se, porém, que o invasor conseguira progredir sensivelmente em toda a extensão da frente. A resistência porfiada, com que deparara, não impedia que o seu avanço continuasse com as características de impetuosidade que haviam assinalado os primeiros dias da luta. Essas características iam, de resto manter-se, e até mesmo acentuar-se, durante a primeira fase da campanha até que a Wehrmacht pôde ser detida, quando as suas guardas avançadas podiam ver as torres do Kremlin e a conquista da capital soviética parecia iminente.

Através dos países bálticos, até ao golfo de Riga, através da Finlândia, até ao golfo da Finlândia, através da Polónia até, e para além, da fronteira que separava este país da U. R. S. S. antes da partilha de 1939, combatera-se tenazmente e em poucos dias os atacantes tinham realizado progressos incontestáveis. A superioridade do seu exército, no campo de batalha, afirmava-se, e as perspectivas dum novo ensaio da guerra relâmpago, em grande escala, apareciam como uma realidade próxima aos olhos de todos os observadores, mesmo os mais calmos e desapaixonados.

A cidade de Leninegrado aparecia directamente ameaçada. Moscovo era o objectivo evidente da progressão alemã no sector central. As tropas invasoras, que operavam ao sul, encaminhavam-se em direcção a Kiev a um ritmo impressionante. Simultaneamente, com a batalha de Bialistock-Minsk, apresentada nos comunicados alemães como uma gigantesca batalha de cerco idêntica às que a estratégia alemã tinha conseguido impor em Tannenberg, em Kutno e na Flandres, uma outra batalha de cerco, embora de menores proporções, aparecia revelada nas notícias provenientes de Berlim. Era a batalha de Przemisl, no sector de Brest Litovsk, onde, a avaliar por essas informações, teriam sido igualmente cercados e aprisionados alguns centos de milhar de soldados soviéticos.

Assim o plano alemão parecia em vias de realização plena nos primeiros dias de Julho, nos seus dois aspectos essenciais, aniquilamento do núcleo das forças inimigas e ocupação dos seus centros urbanos que eram a sede do poder político.

← Não obstante não coincidirem os objectivos políticos de Hitler e Mannerheim, as razões militares levaram os dois homens de Estado a encontrar-se algumas vezes. Num dos últimos encontros, Kellell, que se vê ao centro, estava presente, para tratar de assuntos de estratégia militar.



A VERDADE E AS APARÊNCIAS

A verdade não coincidia, porém, com as aparências que eram plenamente satisfatórias. A verdade é que se tinha produzido um ataque da Wehrmacht, em escala sem precedentes, mesmo no decurso do actual conflito. Esse ataque fôra servido pela totalidade das forças alemãs susceptíveis de serem empregadas, ao contrário do que acontecera em todas as campanhas anteriores, em que o Alto Comando alemão empregara invariavelmente apenas uma parte, e em geral uma parte relativamente pequena, das suas disponibilidades em homens e em material.

O exército alemão pôde, assim, avançar incessantemente, defrontando um adversário que, pelo número e pela qualidade das armas que empregava, devia considerar-se como o mais perigoso que, até esse momento, tivera de combater. O avanço tinha, pela primeira vez desde que em Setembro de 1939 se haviam desencadeado as hostilidades, na Polónia, que ser realizado à custa de combates duros e incessantes. O que revelava, da parte dos defensores, uma determinação que não havia aflorado em nenhum dos exércitos que a Wehrmacht derrotava sucessivamente e espectacularmente.

Entre vinte e dois de Junho de 1941 e o mesmo dia do mês de Julho, isto é, apenas num mês, houve mais empenhamentos de incontestável significação militar do que durante toda a campanha do ocidente. Além disso, as tropas russas, que iam ficando para a retaguarda, colaboravam com a população numa luta de novo tipo até aí desconhecido para os alemães, habituados a que os vencidos depusessem as armas e a que as populações se submetessem. A Imprensa do Reich, apesar do seu optimismo transparente, não deixava de dar conta aos seus leitores destas novidades que presagiavam uma campanha de futuras dificuldades, desde que não fosse possível fazê-la terminar rapidamente por uma decisão no campo de batalha. Era para alcançar essa decisão rapidamente, segundo os métodos peculiares da «blitzkrieg», que se encaminhavam todos os esforços do O. K. W. Mas a verdade é que ela não surgia ou, pelo menos, não surgia com a rapidez que seria necessário.

A TERCEIRA SEMANA

No dia 6 de Julho, o comunicado do Alto Comando alemão referia-se concretamente ao avanço das suas tropas indicando sensivelmente a linha que elas tinham alcançado no interior da Rússia. «Continuam os combates, dizia esse comunicado, em direcção a Ostrov, Barisov, Babruik e Novgorod-Volinsk». Isto significava claramente que estas localidades haviam sido atingidas pelo avanço alemão que era assim, naquele dia, de algumas centenas de quilómetros e não deixaria de se intensificar.

As tropas de invasão situavam, nessa data, a distância que mediavam entre cinquenta e cento e cinquenta quilómetros da linha Estaline. «As operações contra essa linha, acrescentava o comunicado, continuam a desenrolar-se segundo os planos previstos».

O comunicado do dia 13 encerrava duas notícias sensacionais. Anunciava que as tropas alemãs tinham iniciado o cerco de Leninegrado e se encontravam às portas de Kiev. Estas revelações produziram, por toda a parte, uma impressão justificada. Assim, no decurso da terceira semana de guerra, a Wehrmacht encontrava-se nas imediações de dois dos seus objectivos fundamentais, ao norte e ao sul da extensa linha de batalha, enquanto ao centro procurava alcançar e esmagar o grosso dos exércitos soviéticos que continuavam a retirar em condições mal esclarecidas.

Depois de três semanas de combates incessantes e depois de ter percorrido algumas centenas de quilómetros, a Wehrmacht estava em condições de tentar o assalto supremo contra a linha Estaline que, no consenso geral, era a última barreira que se interpunha entre o Reich e a vitória. O assalto ia efectivamente dar-se ao longo da linha fortificada que tinha os seus bastiões principais em Pskov, Vitebsk, Orsha, Mohilev e Zhitomir e seria coroado de êxito. Mas, ao contrário da expectativa geral, esse êxito não se traduziria pela vitória. Seria mesmo o início de jornadas, cada vez mais duras, em que, abandonadas as suas fortificações, as forças armadas russas revelariam uma capacidade de resistência que fazia contraste com tudo o que se passara nas campanhas anteriores.

UMA CAMPANHA SINGULAR

Mas, se era verdade que a penetração alemã em território soviético se fazia com uma rapidez e a um ritmo impressionante, não era menos verdade que a evolução da campanha da Rússia se revestia de aspectos singulares e impressionantes. A ofensiva da Wehrmacht não deparava com forças numericamente gigantes, como seria de prever dada a base de recrutamento que oferece uma população de cento e sessenta milhões de indivíduos que, segundo todas as possibilidades, devia ter sido completamente mobilizada.

Ao longo da fronteira e nas regiões limítrofes, quaisquer que fossem as revelações feitas e o seu aparente fundamento, os alemães não tinham encontrado os contingentes poderosos que certamente esperavam encontrar. Em lugar desses contingentes, encontravam-se formações de guardas fronteiriços especializados numa luta que se assemelhava singularmente à tradicional luta de guerrilhas conduzida com o concurso activo do povo local.

A primeira, e certamente uma das mais impressionantes singularidades que

(Continua na pág. 28)



Leninegrado, um dos mais caros objectivos da estratégia alemã, vê-se ao longe, como uma atracção magnífica.

a campanha da Rússia ofereceu para o comando alemão, foi a disposição das forças do adversário. Essas forças encontravam-se dispostas em profundidade, e não em extensão. O núcleo principal do exército soviético estava, não no limite da fronteira que separava os dois países, não a guarnecer a linha Estaline, mas por detrás deste sistema fortificado. Esta circunstância não deixava de constituir um embaraço sério para a realização dos projectos previstos pelo O. K. W. Esse embaraço aparecia agravado pela tendência que os soldados, inicialmente empenhados na luta, revelavam para se bater desesperadamente até que se lhes tivessem esgotado as munições ou até que tivessem caído. Praticamente, o Comando alemão encontrava-se, para contrariar os seus planos, perante a execução de planos que revelavam uma preparação metódica da guerra nos seus aspectos mais salientes e que aproveitavam dos ensinamentos fornecidos pela própria Wehrmacht nas campanhas que anteriormente conduzira, com êxito, na Europa ocidental e nos Balcãs.

DUAS CONCEPÇÕES DIFERENTES

A disposição das forças soviéticas, em profundidade, era um facto inédito quando se consideravam as concepções estratégicas predominantes durante as duas conflagrações mundiais que se tinham produzido no curto prazo dum quarto de século. Pelo menos devia considerar-se inédita quando se tratava de examinar a orientação adoptada pelas grandes potências envolvidas nelas. Em 1914 os exércitos da França, da Alemanha e da Rússia tinham adoptado dispositivos em extensão e haviam-se acumulado ao longo das regiões fronteiriças onde se travaram os primeiros combates, considerando que esses combates seriam decisivos para o prosseguimento da luta. Em 1939 e 1940 os exércitos da Alemanha, da França e da Polónia tinham feito sensivelmente a mesma coisa.

O plano de guerra soviético, tanto quanto podia deprender-se das intenções reveladas pelo seu comando na primeira fase da luta, pusera inteiramente de parte essa concepção para a substituir por uma concepção nova que visava a aproveitar completamente as vantagens da extensão territorial que tinha à sua disposição para manobrar. Assim, as tropas destacadas para a região da fronteira e mesmo para a linha Estaline figuravam como simples tropas de cobertura, tal como estas são designadas e empregadas no exército dos países ocidentais.

Desta diferença de concepções resultava uma divergência fundamental quanto às verdadeiras características e aos resultados exactos das batalhas travadas entre o grosso da Wehrmacht e os seus adversários nas batalhas de Bialistok-Minsk e de Przemisl e no assalto à linha

(Continua na pág. 28)

Pode dizer-se que esta guerra russo-alemã trouxe adiantamentos bélicos já mais sonhados. Eis um «Sturmabfuhrer-S S Dieckmann» a atravessar com a sua tripulação o rio Cuban, no Cáucaso.



HISTORIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

(Continuação da pág. 41)

Estaline. Nessas batalhas, o comando soviético empregara uma cortina de tropas, mais ou menos densa, mas que nunca excedera as proporções duma cortina de tropas, enquanto o adversário punha em jôgo todos os seus recursos para alcançar rapidamente a necessária decisão.

AS FORÇAS EMPENHADAS

Para suportar o golpe formidável despedido pela Wehrmacht, o comando soviético concebera uma tática inédita que se resumia em sacrificar máquinas para poupar homens, na previsão de que as primeiras se renovariam e de que não seria possível renovar os segundos. Assim, o comando soviético empenhou grandes quantidades de carros na batalha das fronteiras, e em relação ao adversário um número relativamente pequeno de divisões de infantaria. A este respeito, os comunicados dos dois beligerantes oferecem uma concordância reveladora. Na batalha de Bialistock-Minsk os alemães empenharam cento e quarenta divisões de infantaria, e os soviets aproximadamente setenta, ou seja metade. Em compensação, nos grandes combates de carros que se desenrolaram em Lutsk, tomaram parte, dum e doutro lado, mais de quatro mil engenhos blindados. Este número, dada a fase da guerra a que se refere, deve considerar-se gigantesco.

Assim aparece pôsto o problema crucial de cuja exacta resolução depende uma apreciação da marcha ulterior da campanha da Rússia, com todas as suas consequências. Foi a dupla batalha de cerco anunciada, como tendo sido dada na região de Bialistock-Minsk e na região de Przemisl, uma operação idêntica àquela que a máquina militar do Reich anteriormente realizara em Kutno e na Flandres? Foram os seus resultados semelhantes àquelles que os alemães conseguiram, tanto na Polónia como em França, dando com êles um golpe decisivo nos seus adversários? Eis o que parece contestável à luz do que depois se passou.

Para os alemães, essa batalha foi sempre considerada como uma grande operação de aniquilamento em que os dois adversários empanharam todos os seus recursos e possibilidades, e que se liquidou pela vitória dum dêles. Para os russos essa batalha foi invariavelmente apresentada como um recontro entre o grosso da Wehrmacht e as suas tropas de cobertura, qualquer coisa como uma escaramuça de proporções enormes mas em que o potencial de guerra soviético não

foi intencionalmente comprometido. Veremos como estas duas versões contraditórias se ajustam aos factos subsequentes.

OS RESULTADOS CONCRETOS

De qualquer maneira, quando os alemães iniciaram o seu assalto à linha Estaline, era lícito fazer um balanço da situação em termos que não justificavam a esperança duma decisão imediata. A penetração da Wehrmacht em território russo fôra enorme. Só nos primeiros quinze dias de luta essa penetração atingira mais de trezentos quilómetros. Só em raros pontos o avanço alemão, a partir da fronteira, teria deixado de atingir essa profundidade respeitável.

Mas as vantagens colhidas concretamente, não estavam em proporção com o avanço realizado. O terreno conquistado, embora vasto, era relativamente pequeno quando se considerava a totalidade da superfície a conquistar ou pelo menos a constituir em condições de não alimentar a máquina de guerra do inimigo. O núcleo principal das fôrças soviéticas retirara-se, sem que tivesse sido apanhado numa grande manobra de cerco que o teria inutilizado definitivamente. A alavanca principal daquela máquina continuava, portanto, a sobreviver.

Por outro lado, a resistência das tropas enviadas para constituir a cobertura soviética tinha-se revelado decisiva, e o que era mais impressionante é que a parte da população que ia ficando na retaguarda da linha de batalha mostrava-se adestrada para praticar a luta de guerrilhas em proporções inesperadas e perigosas. As regiões que iam sendo abandonadas ofereciam um aspecto desolador. A política da terra queimada era praticada em escala nunca igualada de acôrdo com os métodos tradicionais das guerras de defesa nacional na Rússia.

Finalmente, os factores políticos em que tantas esperanças se tinham depositado não se manifestavam, de qualquer maneira, favoráveis aos invasores. Tanto nos países bálticos, como na Ucrânia, não se produziram os movimentos separatistas que seria de esperar, dadas as características especiais das respectivas populações, as afinidades que, pelo menos, uma parte importante dessas populações sempre havia mantido com os meios alemães no período que decorreu entre as duas conflagrações.

(Continua)

MEDICINAL
PASTA **COUTO**



TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L^{da} Pôrto

HISTÓRIA BREVE do cinema americano

(Continuação da pág. 25)

como «O Doido com Juízo», «Peço a Palavra» e «O Caso do Dia». No campo da fantasia humorística, Charlie Chaplin o popular Charlot, é ainda insuperável. A sua arte é tão eterna e universal que a sua antiga fita «A Quimera do Ouro», remodelada com diálogos, foi há pouco consagrada mais uma vez pelo público.

HOLLYWOOD E A GUERRA

Dois dias apenas, após a entrada dos Estados Unidos na guerra, Hollywood organizou voluntariamente uma «Comissão da Vitória», para dirigir e coordenar o esforço de guerra de sua indústria. As estrelas de cinema têm contribuído para a venda de milhões de dólares de títulos de empréstimo e selos de guerra. Mais de 1.000 das mais notáveis artistas divertem os soldados e marinheiros, falam para êles pela rádio ou percorrem o país em campanha de venda de títulos.

Homens de todos os ramos da indústria cinematográfica alistam-se para o serviço nas fôrças armadas e nomes famosos como Clark Gable, James Stewart, Robert Taylor, Robert Montgomery, Tyrone Power, Melvyn Douglas e muitos outros, marcham agora, ombro a ombro, com os homens que antes os viam como figuras «lendárias» do cinema. John Ford, Dorryl Zanack e Frank Capra também envergaram orgulhosamente o uniforme, mas a lista de honra de Hollywood é longa e muitos mais nomes havia a acrescentar.

Actualmente, o exército dirige a maior cadeia singular de cinemas, dos Estados Unidos, com 700 casas de espectáculos em diversos postos militares, onde os soldados se vão distrair nos momentos de folga, pois, como os civis, os homens de uniforme também compreendem o valor educativo, artístico e recreativo da arte das imagens



STOP

Radio DISCOS, GRAMOPONES
HIS MASTERS VOICE

Est.º VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova da Almada, 97

ESTE NÚMERO DE VIDA MUNDIAL ILUSTRADA FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE BERTRAND (IRMÃOS), L.^{da}, TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Livro do Momento

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Por RAFAEL MARÇAL

CANBERRA capital da Austrália

PARA ALÉM DAS METRÓPOLES

A recente nomeação do Duque de Gloucester para governador geral da Austrália justificará, segundo todas as probabilidades, a fundação duma cidade que, até hoje, provou ser uma especulação pouco acertada. Seguindo o exemplo bem sucedido dos Estados Unidos da América, a Federação Australiana resolveu, em 1913, fundar uma nova capital. Esperava-se, por este meio, pôr termo à implacável rivalidade entre as duas metrópoles de Sidney e Melbourne, que reivindicavam ambas para si essa honra, e calculava-se que, dentro em breve, Canberra, a nova capital australiana, seria a terceira cidade da Austrália a ultrapassar o limite dum milhão de habitantes.

Foi um engano: 15 anos após a sua fundação, segundo as regras mais perfeitas da arquitectura e higiene moderna e numa região particularmente atraente, Canberra contava uns escassos 6.000 habitantes, número que, cinco anos depois,

em 1933, se elevava a pouco menos de 9.000. Os australianos não queriam tomar a nova capital a sério, tal como fizeram os russos, quando Pedro o Grande fundou S. Petersburgo, apesar de todas as facilidades concedidas, redução de impostos, etc. O novo governador geral já expressou a sua intenção de transformar Canberra não só na capital oficial, mas também efectiva da Austrália, fixando ali a sua residência. Insistirá especialmente em que os diplomatas estrangeiros que, até agora, habitavam quasi todos em Sidney, mudem a sua residência, como prescreve a praxe diplomática, para a cidade que é sede do Governo.

Supõe-se que esta mudança será, por ora, suficiente, para dar a Canberra o «cachet» duma «auténtica» capital.

O duque de Gloucester é uma figura simpática da política inglesa. Aqui o vemos durante uma cerimónia na Irlanda, ao lado de Lord Londonderry



A SOMBRA DE UMA VELHA ALIANÇA OS INGLESES NOS AÇORES

CORRE um documentário cinematográfico numa das nossas casas de espectáculos e as revistas inglesas vêm cheias de imagens colhidas nos Açores, após a cedência das bases portuguesas à Inglaterra. Os britânicos, de resto, não fazem segredo de quanto representa para o aceleramento do final da guerra, a posição que ali tomaram há meses. Num comunicado conjunto, assinado por Churchill e Roosevelt, afirma-se, mesmo, que, sem o estabelecimento dos ingleses nos Açores, não seria possível o intenso tráfego através do Atlântico pelo menos com os resultados actuais: mais submarinos afundados,

do que navios perdidos. O mês de Novembro, segundo o mesmo comunicado, confirma, nomeadamente, este optimismo.

O mundo está saciado de guerra, porque a guerra, de facto, ultrapassou há muito as possibilidades morais e físicas dos homens, diante de tanta tragédia. À etapa dos Açores, na marcha dos acontecimentos e dentro de uma política de absoluta neutralidade mas de que podem ficar alheios tantos séculos de jornada anglo-lusa, há-de contribuir para que o mundo repouse os olhos cansados de chorar e suspire um: «enfim, acabou a guerra!»

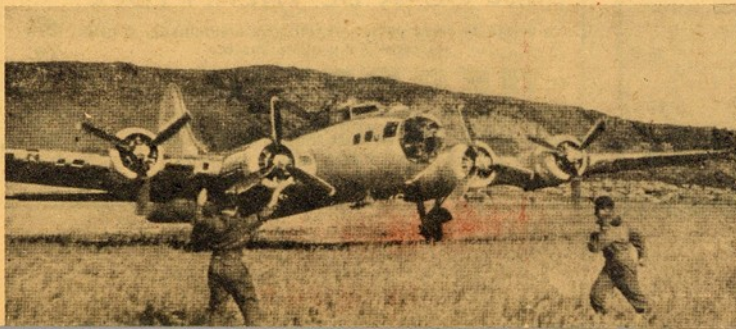


O governador militar dos Açores, sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa, visitou o vice-marechal do ar G. R. Bromet, no forte de São Sebastião, em Angra do Heroísmo. Foi uma visita protocolar de cumprimentos, em que o sr. Tamagnini se fez acompanhar do capitão Jorge Leal, chefe da guarnição militar dos Açores. Na foto, além destas duas individualidades portuguesas, vêem-se o comodoro P. V. Holt, o comandante do Comando de Transportes da R. A. F., Carey, e o tenente-coronel Charles, adido militar à embaixada britânica em Lisboa.



O vice-marechal G. R. Bromet, com outros oficiais britânicos, na sua chegada à Ilha Terceira.

Das Lagens fizeram os ingleses um excelente ponto estratégico. É de lá que partem os aviões que vão pesquisar o seio das águas e atacar os submarinos seus inimigos.



Pilotos da R. A. F., estabelecidos nos Açores, protegem a navegação Aliada ao longo do Atlântico, partindo de bases portuguesas.



TELEF. — 2 0244
TELEG. — PAPEL CAR

Papelaria
Carlos
de Carlos Ferreira, L^{da}

SECÇÕES DE
VALORES/FEIJÃO/
E TABACARIA

ESPECIALIDADE
EM LIVROS PARA
ESCRITURA
COMERCIAL

RIA DO OURO,
LISBOA

GRANDE SOCIEDADE
DE LIVROS PARA
DESENHO
E ESCRITÓRIO

TÃO CERTO COMO
1 E 2 SEREM 3

Torná-lo-emos rápida e economicamente Guardalivros se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis a:

INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12, 1.^o PORTO
N. B. — Não nos remeta dinheiro para selos



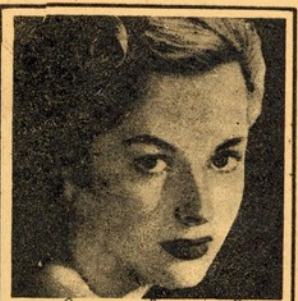
O MISTERIO da mulher que NUNCA ENVELHECE



Nem uma gelha, nem uma ruga aos 45 anos. Uma pele clara, aveludada, impecável, de rapariga. Dir-se-ia um milagre, mas há uma explicação científica. Tais são os efeitos mágicos do «Biocel» a assombrosa descoberta do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena de Austria.

O Biocel é o precioso elemento natural da mocidade indispensável a toda a pele aveludada e sem rugas. O Creme Tokalon, Cór de Rosa, contem-o actualmente. Alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. V. Ex.* levantar-se-á cada manhã mais rejuvenescida. As rugas e as gelhas desaparecem. De dia empregue o Creme Tokalon, alimento da pele, de cor branca não gorduroso, a-fim-de tornar a sua pele fresca e clara e fazer desaparecer os pontos negros e as imperfeições. Rejuvenesça dez anos e conserve-se jovem! Livre-se dessa cor terrosa, recupere a frescura e firmeza da sua pele. A venda em todas as boas casas do ramo. Não encontrando dirija-se ao Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 88 — Lisboa — que atende na volta do correio.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



ÁGUA CRÉME PO DE ARROZ

Rainha da Hungria

3 produtos indispensáveis à pureza e frescura da epiderme. SÃO PRODUTOS

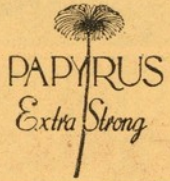
Mme Campos

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 75 — LISBOA
TEL. 21866



PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7 WBOS 48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7 WBOS 48,9
9,45					WKLJ	30,8 WBOS 25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6 WGEO 19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9 WRUL 19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8		
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5 WKLJ 30,8
20,45 a	21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)
	21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ 30,8
	22,45				WKLJ	30,8
	23,45				WKLJ	30,8

A «VOZ DA AMERICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogas. Preço avulso: 11\$00



★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

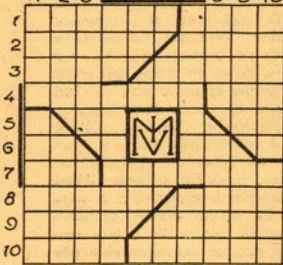
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 13

Por Jerónimo Pinteus de Sousa
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Enunciado

HORIZONTAIS: 1—Permutações; o planeta Vénus. 2—Desusadas; animais domésticos. 3—Pronome pessoal (plur.); rapariga. 4—Realçasse; acrescentel. 5—Ermo; laço (inv.). 6—O mais; preposição. 7—Compreendia; duvidosa. 8—Nome de peixe; pequenos triunfos entre os romanos. 9—Terreno em volta duma igreja; unira. 10—Triturou; afogamento (pl.).

VERTICAIS: 1—Algarismo; dançar a valsa. 2—Maça; ligado. 3—Da boca (pl.); exclamação de enfado. 4—Cabelos brancos; solidificou. 5—Art. (pl.); prep. e art. 6—Pron. pessoal; ataque de epilepsia; 7—Aloje; centro aeronáutico; 8—Verniz da China; plantas. 9—Quadrúpede ruminante; desequilíbrio mental. 10—Aprova; apêndices das aves.

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13

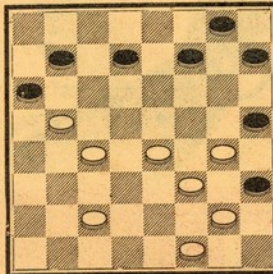
HORIZONTAIS: 1—Ad. 2—Tença. 3—Anus; aro. 4—Crua; as. 5—Aia; amarar. 6—Mia; asa. 7—Res; ir. 8—Ia; aso. 9—Bóias.

VERTICAIS: 1—Ca. 2—Pari. 3—Nua; rio. 4—Atua; meal. 5—Es; ais. 6—Ama; as. 7—Acaso; is. 8—Dar; raro. 9—Olas. 10—Ras.

DAMAS

PROBLEMA N.º 5 (Concurso)

Dedicado a Manuel Tóres Varinha
Por António Eduardo Igrejas
Meigaço



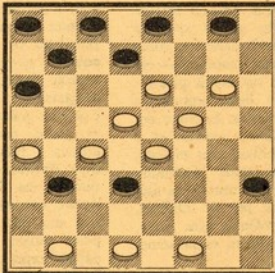
Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

B—Pedras em: 2, 5, 7, 10, 13, 14, 15 e 20.
P—Pedras em: 9, 17, 24, 25, 26, 27, 28 e 29.

PROBLEMA N.º 6 (Concurso)

Por Edmundo Sant'Ana de Moraes
Vidigal—Lisboa



Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:
B—2, 3, 4, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 22.

P—9, 11, 12, 24, 27, 28, 29, 30, 31 e 32.

SOLUÇÕES

Problema n.º 3 (Concurso)

10-14 19-26 16-23 14-23
1-10 29-22 28-19 10-28

21-26 25-18-31-24-2 g.
30-21 P.

Problema n.º 4 (Concurso)

5-10 28-32 7-11 32-28
14-5 17-10 22-15-6 29-13

28-19 P. g.

Aviso

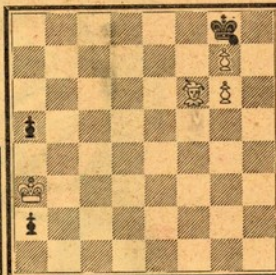
Informam-se todos os damistas que os problemas ou finais de jogo que nos remetam, quer sejam para o Concurso ou não, têm que ser inéditos.

XADREZ

FINAL N.º 9

Por F. J. Prokop

Pretas



Branças

Jogam as brancas e ganham

Final n.º 8

Solução

1. C2A+, R8C; 2. C3T+, R8T; 3. A3A P4T; 4. A8T, P5T; 5. R7C, C joga; 6. R6C+, C7C; 7. R6A, C joga; 8. R5A+, C7C; 9. R5B, C joga; 10. R4R+, C7C; 11. R4D, C joga; 12. R3D+, C7C; 13. R3A, C joga; 14. R2A+, C7C; 14. AXC mate.

CHARADAS

SINCOPADAS

1) A carne é um belo alimento. 3-2.

Lisboa Pato Bravo

2) Há mãos que estão sempre abertas para as ganancias. — 3-2

Lisboa Jim Joyce

EPENTÉTICAS

3) As algazarras são próprias de tabernas. — 2-3

Lisboa Jim Joyce

4) Não há máquinas que descubram os enganosa. — 2-3

Lisboa Pato Bravo

PARAGÓGICA

5) O soberano justo torna felizes os seus Estados. — 1-2

Lisboa J. Pessoa

SOLUÇÕES

Charadas (n.º 140)

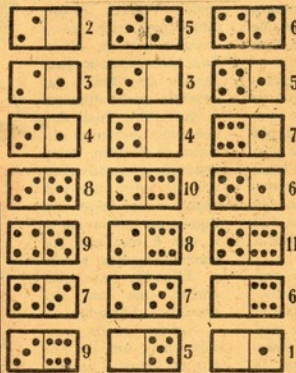
1) Infelicidade. 2) Rebento. 3) Indolene. 4) Desgraça. 5) Acompanha. 6) Malparada. 7) Sobrolho. 8) Mo-nelha.

Charadas (n.º 141)

1) Trabalhosa. 2) Mexedor. 3) Láparo. 4) Pecado. 5) Incerto. 6) Invocação. 7) Merecedor.

PACIENCIA DE DOMINÓS

Solução



PROVÉRBIOS A ADIVINHAR

Soluções

Quem tudo quer, tudo perde.
Dá Deus o frio conforme a roupa.

CORRESPONDENCIA

Jerónimo de Sousa Pinteus (Lisboa) — Recebi os bons problemas de Palavras Cruzadas e Figuralivas, que agradeço.

Belmiro Oliveira Clara (Lisboa) — As soluções dos problemas que me remeteu estão boas. Por que não me enviou a solução do Final Forçada?

José Baptista Afonso (Caminha) — A análise dos seus problemas coube ao nosso amigo e grande técnico damista Francisco Henriques, de Almeirim.
Real Duarte Girão (Pernes) — Recebi e obrigado.

Ventura
solucionista...

Por ZÉCO



A ESPOSA — Não há sardinhas, não há carapaus e o gato, coitadinho, está cheto de fome!...
VENTURA — Olha, minha filha, como a al-pista está muito cara, acaba-se com essa des-pesa e dá-se o canário ao gato...



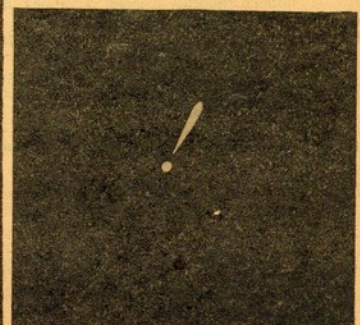
A ESPOSA — Coitadinho do cão!... Esta chelha de fome!... Não há pão para as sopas d'el!...

VENTURA — Olha, minha filha, guisa o gato e dá ao cão...



A ESPOSA — Ai, Ventura, que desventura é minha!... A mercearia não tem bacalhau, não tem batatas, não há coisa nenhuma que se coma e eu estou perdidinha de fome!...

— VENTURA — Olha, minha filha, custa-me muito mas só te resta assares o cão e comê-lo!...



VENTURA — Ai, minha filha, agora sou eu que sinto os apêrto da fome!...

A ESPOSA — Ó da guarda!... Ó da guarda!...

O HOMEM DESDENHADO

NOVELA DE JEAN BOKAI — DESENHO DE RUDY

Jean Bokai é uma das figuras mais representativas da moderna literatura búlgara. Contista exímio, é autor de romances satíricos que obtiveram grande êxito. Conta-se, entre eles, um intitulado «Defendi uma mulher». E também dramaturgo.

ELA própria não chegava a compreender a razão por que amava este cépo talhado a podão. Era um homem alto e forte, de cabeleira hirsuta e voz rouca, que ria desabaladamente e que conversava com a boca cheia. Não tinha a menor ideia do que era saber viver e ter boas maneiras.

As calças desciam-lhe pelas pernas como um sacco enrugado e o seu casaco de veludo coado estava cheio de nódoas de tinta. O pescoço avermelhado de touro safa-lhe atrevidamente do colarinho da camisa de sport.

O seu amor tinha alguma coisa de rústico. A sua ternura por ela era violenta; atacava-a súbitamente com um apetite de comilão, como se a quisesse tomar de assalto. E, depois, como um animal novo e fogoso, brincava com ela.

Dizia-se que ele tinha talento, que tinha até muito talento. Mas ela não acreditava, nem podia ter admiração pelas suas letras fantásticas, que deviam ser à expressão de sentimentos desregrados e de visões destrambelhadas, sem senso comum, sem cultura, sem ordem.

Apesar disso, gostava d'ele. Enraivecia-se por gostar d'ele; quasi se envergonhava d'esse amor... ela, uma rapariga instruída, de boas famílias, ligara a sua vida a aquele homem sem nenhuma espécie de educação. O pai era personagem conceituada e o marido era um pintor... nem sequer chegava a ser um pintor, pois, na opinião dela, de pintamonos não passava.

Tomou a peito educá-lo. Era dotada desta força moral que existe no fundo da alma das mulheres requintadas e calmas, cuja coragem na luta não fraqueja em face das vicissitudes da vida. Para começar, obrigou-o a deixar o casaco de veludo, que provinha ainda da época romântica, passada em Paris. Depois abotou-o do pescoço. Passou-lhe, a ferro, cuidadosamente, -lhe o colarinho e pôs-lhe uma gravata em volta as calças. Nunca mais lhe tolerou a sua atitude habitual: pernas alargadas e mãos nos bolsos. «Que maneiras são essas, André?» Servia-lhe a comida e regulou-lhe a maneira de beber, habitando-o, assim, a ser morigerado. Quando soltava gargalhadas estridentes — o que se tornava cada vez mais raro — a mulher deitava-lhe olhares de Madona dolorosa e ele cessava logo de rir.

Porque ele também, apesar de ser um excêntrico, gostava dela. Os seus olhos castanhos de aldeão sentiam prazer em encarar aquela cara tão suave e delicada. E entendia que, só por milagre, aquela criatura maravilhosa podia gostar d'ele. Ana, sua mulher, era o seu único luxo, o único orgulho natural da sua vida. Tolerava-lhe tudo. Admitia, com a benevolência dos cães grandes, a tirania das suas censuras, tal como um S. Bernardo que se presta a brincar com um bola amarrada à cauda.

Mas não deixava, de vez em quando, de praticar uma partida digna do seu passado individual. Pintava o sogro numa tela gigantesca. Sobre um grande tapete de púrpura, via-se uma cadeira pequena. E, nesta cadeirinha, um pobre diabo, débil de aspecto, de barbicha, com as mãos nos joelhos, em ar de obediência, e umas sandálias envernizadas. Contente, como um colegial, mostrou a sua obra a Ana: «o tutor!» Ele não deixava ainda de se entregar a estas brincadeiras estúpidas.

Mais tarde, pôs termo aos gracejos. Exteriormente, tornou-se um homem ordenado, bem

vestido, com o uniforme cinzento dos simples mortais. Penteava o cabelo, escovava o fato, barbeava-se, diariamente, apesar do seu auto-retrato ter uma barba que lembrava um ouriço. Tinha de fazer a barba, porque quando beijava Ana — não como antigamente, que a apertava rudemente nos braços, mas delicadamente, como deve fazer um homem de boas maneiras — ela afastava a cara: «deixa-me, a tua barba pica...»

Quando estava enamorado dela, empregava expressões excessivamente vulgares. E, como era legítimo, tratava-a por tu. Essas expressões e esta forma de tratamento ofendiam uma mulher, como ela, tão correcta e requintada. Aprendeu a falar com a mulher nos termos usados na alta sociedade. Deixou de a tratar por tu. Diziam, imitando as pessoas finas: «Minha cara Ana», «André, meu amigo» ou qualquer coisa semelhante.

André, apesar destas modificações, continuava a ser feliz. Feliz e amoroso. Era um simplório, duma bondade infinita. Nasceu para ser um joguete: manejavam-no e amoldavam-no e ele tudo suportava com a condição de que não tocassem nos seus pincéis. Tornou-se, é certo, um pouco triste, mas não pelas abdições a que o forçaram, apesar de tudo lhe terem tirado: as suas gargalhadas grandes e sádias, a sua maneira de comer, o céu azul e o amor vibrante. A sua tristeza provinha do facto de a mulher ter deixado de gostar d'ele.

Ana já não sentia amor por ele. Em consequência da vingança misteriosa das coisas, fizera-se um homem de sociedade daquele homem hirsuto e o amor da mulher cessara. Ana, que era mulher da sociedade, duma educação perfeita, não queria convencer-se a si própria de que os seus sentimentos haviam mudado. Vigia André, tinha para com ele a maior solicitude, educava-o, sacrificava-se para lhe ser agradável e daí concluía que continuava a querer-lhe. Mas André, com o seu vivaz instinto de homem, sabia exactamente a diferença que há entre um frio abraço e um beijo. Era digníssimo, até no amor, o que é raro nos homens. Dirigiu-se a Ana e falou-lhe no tom amável que com ela, aprendera. Disse-lhe:

— Ana, minha querida, cada um de nós tem de seguir o seu caminho. Deixámo-nos de gostar um do outro.

Chamou a si todas as responsabilidades para facilitar a vida da mulher. E, como Ana protestasse, disse-lhe:

— Voltaremos a falar no caso daqui a um mês. E até lá viveremos separados.

O abandono do lar foi para ele pleno de amargura, embora tirasse disso alguma satisfação. Voltou a ter todas as coisas de que gostava: os chinelos velhos, o casaco de veludo, a camisa de «sport» e os seus antigos companheiros, com quem voltou, de novo, a ligar-se.

Sofreu muito durante um mês. E o sofrimento tornou-o irascível. Andava na pândega, tornara-se bebedor e desprendido de tudo. A cabeleira voltou a emmaranhar-se, trazia as mãos sempre sujas e mostrava pela navalha de barba um grande desprezo. Detestava tudo o que lhe servira para atingir o nível cultural da mulher. Sentia-se espoliado. Ao cabo dum mês, foi ter com a mulher. Começou a ensaboar o queixo, limpou as unhas, mas breve se arrependeu. Encolheu os ombros. Para que serviam todos aqueles preparativos? Apresentou-se-lhe com aspecto desleixado. Pôs-se em frente dela, como antigamente: as pernas afastadas uma da outra e as suas mãos fortes nos bolsos. Encarou-a, com ar grave, mas manteve-se silencioso. Não se atrevia a falar. A mulher não tirava os olhos d'ele. Brilhou-lhe nos olhos um clarão, tremeiram-lhe os lábios, arfou-lhe o peito. Pobre André, que não desejava a separação!... A culpa não era d'ele... De súbito, André, agarrou-a pelos pulsos, puxou-a contra ele e teve uma dessas expressões que, se não primavam pela elegância, convenciam pela sinceridade.

Era o amor, sem a menor dúvida. O amor que não precisa outras demonstrações para se revelar. O antigo amor: o velho, o hirsuto, sem nenhuma espécie de cultura.

Sucedem algumas vezes que, ao vê-lo comer a sopa ruidosamente, o rosto de Ana se torna severo: ela sente vontade de o censurar. Mas cala-se ou, então diz uma coisa que não é dum refinado mundanismo:

— És um monstro, mas adoro-te...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844